



Thot

UMA PUBLICAÇÃO TRANSDISCIPLINAR DA ASSOCIAÇÃO PALAS ATHENA - Nº 61 - 1995



**O PODER TERAPÊUTICO
DA ORAÇÃO**

**PODER E CONHECIMENTO
NO SÉCULO 21**

**SESSÕES DE CURA
DE JAMPA
RIMPOCHÊ**



ASSOCIAÇÃO PALAS ATHENA

CENTRO DE ESTUDOS FILOSÓFICOS

Rua Leôncio de Carvalho, 99 - Paraíso - São Paulo - SP
CEP 04003-010 - Fones: (011) 288.7356 e 283.0867



GRÁFICA E EDITORA PALAS ATHENA

Rua Serra de Paracaina, 240 - Cambuci - São Paulo - SP
CEP 01522-020 - Fones: (011) 279.6288 e 270.6979



CENTRO PEDAGÓGICO CASA DOS PANDAVAS

Bairro do Souza, 551 - Município de Monteiro Lobato - SP
CEP 12250-000 - Fone: (012) 973.9061



CENTRO DE ESTUDOS PALAS ATHENA (Bauru)

Rua 13 de Maio, 12-16 - Bauru - SP
CEP 17015-450 - Fone: (0142) 23.4424



CENTRO DE ESTUDOS PALAS ATHENA (Santos)

Rua Joaquim Távora, 80 - Santos - SP
CEP 11065-300 - Fone: (013) 234.1871



THOT é uma publicação da Associação Palas Athena. Seu nome é a forma grega de uma antiga divindade egípcia padroeira dos escribas e dos matemáticos, criadora da escrita, fundadora da ordem social, intérprete e conselheira dos deuses. Geralmente representado com a cabeça de íbis, Thot manifesta a essência do pensamento criador.

THOT nº 61 - agosto 1995
tiragem: 2.500 exemplares

Editores: Associação Palas Athena do Brasil, Basilio Pawlowicz, Humberto Mariotti, Lia Diskin, Primo Augusto Gerbelli, Roberto Ziemer, Ubiratan D'Ambrosio - **Edição de Texto:** Graciela Karman - **Revisão:** Lucía Benfatti Marques, Therezinha Siqueira Campos - **Equipe Thot:** Carmen Fischer, Collaço Veras, George Barcat, Isabel Cristina M. de Azevedo, Lucia Brandão S. Moufarrige, Maria Léa Schwarcz, Maria Teresa Bryg, Nilton Almeida Silva, Verônica Rapp de Eston - **Capa:** Takeshi Assaoka - **Diagramação e Editoração Eletrônica:** Maria do Carmo de Oliveira - **Produção:** Emílio Moufarrige, Sérgio Marques - **Impressão e Distribuição:** Gráfica e Editora Palas Athena - **Assinaturas:** Rosa Maria Indáttillo - **Colaboradores:** Maria Cristina Flores (Argentina), Álvaro Celso Guimarães (Bélgica), Conrad Richter (Canadá), Henryk Skolimovski (EUA). **Jornalista Responsável:** Graciela Karman.

Não publicamos matérias redacionais pagas. Permissão a reprodução, citando a origem. Os números atrasados são vendidos conforme a última tabela de preços publicada pela Editora Palas Athena. Periodicidade: trimestral. Assinatura por quatro números - Pedidos em nome da Associação Palas Athena do Brasil - Rua Leôncio de Carvalho, 99 - São Paulo - SP - CEP 04003-010 Fones: 288.7356 e 283.0867.

A responsabilidade pelos artigos assinados cabe aos autores. Matrícula nº 2046. Registro no DDCP do Departamento de Polícia Federal sob nº 1586 P. 290/73.

Um veículo transdisciplinar

A evolução contemporânea em direção ao nosso autoconhecimento, à percepção de nossas relações interpessoais e à nossa inserção na sociedade, no planeta e no cosmos, tem revelado distorções perigosas. Isso torna urgente uma busca global e transdisciplinar de novas direções para essa evolução. Estamos empenhados nessa tarefa.

Está claro que a proposta global e transdisciplinar não constitui uma nova filosofia, nem uma nova metafísica, nem uma ciência das ciências e muito menos uma nova postura religiosa ou um modismo. Ela reside em uma atitude de respeito mútuo e humildade com relação a mitos, religiões e sistemas de explicações e conhecimentos, rejeita qualquer tipo de arrogância e prepotência e é, em essência, transcultural: acolhe idéias de todas as religiões do planeta, de tradições diferentes, de indivíduos de formação e experiência profissional as mais diversas.

Por tudo isso, como faz há 20 anos, THOT mais uma vez reafirma seu empenho em ocupar o amplo espaço das relações e interfaces entre as várias especialidades e disciplinas, na vanguarda de um pensamento transdisciplinar e desafiador.

ÍNDICE

Entrevista com Larry Dossey <i>Ted Braude</i>	2	Sessões de cura do lama Jampa Rimpochê <i>Arnaldo O. Bassoli Júnior</i>	30
Poder e conhecimento no século 21 <i>Morris Berman</i>	12	Anais Nin: uma escritora em busca do feminino <i>J.C. Ismael</i>	37
Dimensões da dança expressiva <i>Vera Lúcia P. de Almeida</i>	17	A liderança dos mais velhos <i>David T. Kyle</i>	40
Painel informativo	21	Epifanias	44
A infância vista pela psico-história <i>Clara A. Colotto e Roberto Ziemer</i>	23	Amor e conhecimento	

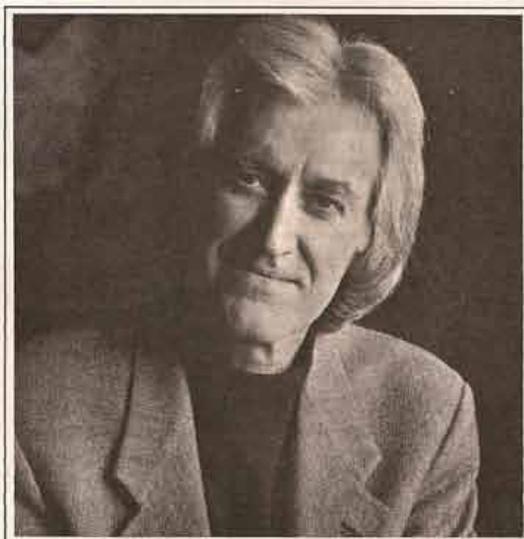
Capa: Mandala do Buda da Medicina, em areia, feito no Centro Cultural São Paulo em junho/95 pelos monges do Mosteiro Drepung Loseling durante sua visita ao Brasil. Foto de Maria Cristina Pessoa Domingos

ENTREVISTA COM LARRY DOSSEY

TED BRAUDE

A ORAÇÃO É UM PODER DA MENTE

Abordando a mente com uma visão que ultrapassa os limites de espaço-tempo da física newtoniana, o médico Larry Dossey redescobre o papel da oração na cura.



Albi Mara

Esta entrevista, publicada pela revista norte-americana *The Sun* sob o título *O Alcance da Mente*, traz a apresentação inicial do dr. Larry Dossey por um dos editores, Andrew Snee.

Filho de meeiros do Texas, Larry Dossey teve formação marcadamente evangélica. Quando menino participava intensamente de *revivals* e tocava piano como membro de um quarteto evangélico ambulante. Chegou a fazer planos de tornar-se pastor,

que abandonou na última hora para estudar na Universidade do Texas em Austin. "Sob influência da universidade", ele diz, "meu fervor religioso murchou como uma lavoura de algodão no Texas em setembro. Tornei-me agnóstico."

Entrou para a faculdade de medicina, serviu como cirurgião em um batalhão no Vietnã e se tornou diretor do Medical City Dallas Hospital. Enquanto estudava medicina descobriu as filosofias religiosas orientais. Quando começou a clinicar já tinha o hábito de meditar. Aos poucos adotou uma "filosofia eclética" que achou "mais satisfatória espiritualmente" do que tudo o que tinha aprendido em sua formação.

Ao tomar conhecimento de dados experimentais divulgados em diversas publicações, demonstrando que a oração afetava positivamente o resultado do tratamento médico, Dossey não se interessou. "A meditação era aceitável", ele diz, "mas a idéia de 'falar com Deus' em oração era uma reminiscência de um protestantismo radical que eu achava ter deixado para trás." Mesmo assim, as evidências pareciam por demais convincentes para serem ignoradas. Estudos mostravam como a oração podia exercer efeito positivo sobre pressão alta, ferimentos, ataques cardíacos, dores de cabeça e ansiedade; como podia alterar o desenvolvimento e produção de células, o tamanho de tumores e a atividade das enzimas. Experiências também revelavam que o poder da oração não era alterado pela distância entre as pessoas, o conhecimento umas das outras ou quaisquer outras barreiras entre elas.

Dossey começou a fazer uso da oração em sua prática. Antes de vestir o jaleco branco pela manhã, "agitava alguns chocalhos e cabaças, toda a parafernália usada no mundo inteiro pelos xamãs e curandeiros para 'invocar os poderes' ". "Uma manhã", prossegue, "em meu entusiasmo, acendi muito incenso e o alarme do meu consultório disparou." Orava para que seus pacientes chegassem ao máximo de melhora possível, mas jamais mencionava a eles que fazia isso. E nunca realizou nenhum estudo científico sobre os resultados. "Se a oração fez alguma diferença?",

ele responde: "não sei. Acredito que a resposta seja sim, nem que seja pelo fato de sentir-me mais conectado com aqueles a quem servia."

O desejo de reconciliar ciência com espiritualidade levou Dossey a sugerir que a mente é "não-local". Ele quer dizer com isso que a mente não está confinada a um ponto no espaço, como o cérebro ou o corpo, ou mesmo a um ponto no tempo, como o presente ou uma única vida. E baseia o conceito de "não-localidade" mais na física quântica do que na newtoniana clássica, subjacente à moderna ciência médica.

Dossey acredita que a ciência médica se encontra no limiar de uma nova era, na qual esses poderes não-locais da mente, exercitados pela oração, terão papel tão importante na cura quanto a cirurgia ou as receitas médicas. Seu quinto e mais recente livro, *Healing Words: The Power of Prayer and the Practice of Medicine* [Palavras que curam: o poder da oração e a prática da medicina], examina a evidência empírica que sustenta o papel da oração na cura. Além de escritor, Dossey é co-diretor de um painel sobre relações mente-corpo para os Institutos Nacionais de Saúde.

Ao ir buscá-lo para a entrevista, Ted Braude quase perdeu o encontro com Dossey no Aeroporto Metropolitano de Detroit. "Cheguei atrasado e estava andando entre a multidão", conta Braude, "quando passei por um homem que correspondia à descrição de Dossey. Ao vê-lo desaparecer na multidão, gritei 'Dr. Dossey!' E o texano alto e magro parou, virou-se e sorriu para mim com um calor mais apropriado a um velho amigo do que a um estranho. Depois de retirar sua bagagem, fomos de carro para Ann Arbor, acomodamo-nos num café próximo do campus da Universidade de Michigan, mergulhamos em nossa refeição e conversamos com a mesma descontração."

**Mensagens
podem ser
recebidas
antes de
serem
enviadas**

TED BRAUDE – *O que os cientistas consideram tão perturbador na não-localidade?*

LARRY DOSSEY – Esse é um termo polêmico. É uma noção que vem servindo para depreciar outro cientista desde a época em que Galileu condenou o jovem Kepler por acreditar na ação a distância; Kepler teve a audácia de propor que as marés da terra seriam causadas pelos efeitos distantes da gravidade da lua. Galileu considerou as idéias de Kepler “os desvarios de um louco”. A idéia de que algo pudesse ser afetado por forças invisíveis a distância tem sido sempre anátema para os cientistas. E eles continuam paralisados nisso. Se você pretende realmente humilhar outro cientista, tudo o que tem a dizer é: “Ele acredita na não-localidade”. Acreditar em experiências não-localizadas no espaço e no tempo é uma ótima forma de perder o cargo e não conseguir mais nenhuma subvenção.

TB – *Mas a física quântica – o berço da não-localidade – não é amplamente aceita?*

LD – Em geral é aceita como a ciência mais exata que se desenvolveu até hoje e ponto final.

Nos últimos quinze anos, experimentos têm demonstrado, além de qualquer dúvida razoável, que eventos não-locais ocorrem de fato no nível quântico. Por exemplo, cientistas descobriram que os fótons mudam a direção de sua rotação ao mesmo tempo que outros fótons distantes. É francamente admitido, pelas pessoas que realizam esses experimentos, que os fótons não conseguem enviar tal informação com suficiente rapidez para fazer com que essa mudança ocorra. É somente depois que os cientistas examinam o registro desses eventos que eles chegam a saber, em retrospecto, que a correlação ocorre.

Fótons distantes entre si não conseguem transmitir um sinal energético de maneira instantânea e simultânea. Mas as mentes conseguem fazer isso. A consciência tem essa capacidade.

Por exemplo, nas experiências que Robert Jahn e seus colegas vêm realizando há uma década em Princeton, as pessoas enviam mensagens de certa distância e o receptor recebe a informação até três dias antes de ela ter sido enviada!

TB – *Três dias antes de ela ser enviada?*

LD – Perfeitamente. Antes mesmo de o computador selecionar a mensagem que vai ser enviada, o receptor a recebe.

TB – *Como eles explicam isso?*

LD – Eles não conseguem explicar. Mas os dados são evidentes.

TB – *Então, qual é o obstáculo a uma exploração séria das evidências?*

LD – O obstáculo na ciência é que se você partir para a não-localidade terá que ir para fora do cérebro.

TB – *E ir além do modelo mecânico?*

LD – Sim. Você pode levar adiante a metáfora da máquina desde que permaneça localista. Pode fazer todos os tipos de teorização mente-corpo. Pode complicar a relação do cérebro com o corpo. Pode introduzir a psiconeuroimunologia e discorrer sobre o cérebro como uma rede neural. Pode torná-la tão fantástica quanto sua imaginação permitir, mas as barreiras continuam sendo o espaço e o tempo. Você não pode sair fora dos limites espaciais do corpo ou, do contrário, estará afirmando que a mente é mais do que o cérebro, que há coisas que a mente é capaz de fazer e o cérebro não consegue. O dogma é que o cérebro opera localmente no âmbito de um modelo espaço-tempo.

TB – *Mas esse dogma não vem sendo desfeito e refutado?*

LD – Os físicos quânticos abandonaram o modelo convencional espaço-tempo ao demonstrarem a não-localidade no nível quântico. Mas os biólogos e neurocientistas não concebem a idéia de abandoná-lo. Por isso ignoram os dados que

poderiam forçá-los a abandoná-lo: as evidências da não-localidade no nível dos seres humanos.

Esse é o obstáculo real. Essa é a linha móvel que eles ainda não atravessaram porque há muito em jogo. Você não pode permanecer no âmbito do cérebro e do corpo uma vez que parte para as experiências humanas não-locais; não há nenhum mecanismo teórico que explique a experiência não-local. Isso torna enormes os riscos científicos. E é relevante para a medicina, sobretudo nos experimentos que têm a ver diretamente com a cura.

É ali que entra a oração. Há mais de 150 estudos, a maioria com dados estatísticos significativos, relacionados com a oração e a cura. É uma volumosa base estatística. Esses estudos de influência a distância mostram que se podem fazer coisas como curar cortes cirúrgicos ou alterar as funções metabólicas em uma variedade de espécies, inclusive a humana. Quando se começa a alterar os processos químicos metabólicos nos seres vivos, isso se torna de interesse da medicina.

TB – *O que o levou a examinar o papel da oração na medicina?*

LD – O que realmente sacudiu minhas bases foi um estudo que descobri em 1987. Ele mostrava que as pessoas em unidades de tratamento das coronárias pelas quais se orava se saíam muito melhor do que aquelas pelas quais não se orava. Era um estudo clínico envolvendo combinações possíveis escolhidas cegamente e abrangendo cerca de quatrocentos pacientes. Foi realizado por um cardiologista renomado e publicado no *Southern Medical Journal*. Esse estudo me chamou a atenção. Eu não sabia da existência de nenhum estudo científico sobre a oração. Comecei a pensar seriamente no assunto e a dizer para mim mesmo: “Você se considera um cientista, portanto, você irá lidar com essa evidência e, quem sabe, deixar que ela afete sua prática médica? Ou vai ignorá-la?”

Eu não sabia a resposta. O lado cético em

mim dizia: “É apenas um estudo. Não houve nenhuma réplica. Existem outros estudos por aí?” De maneira que comecei a explorar essa área e a ampliar o conceito de oração de modo que significasse a interação compassiva, zelosa, de uma consciência para com outra. Comecei a refletir em termos de *devoção*.

Uma vez ampliado o conceito de devoção, minha busca uniu-me de todo um corpo de conhecimento à margem da ciência. E me deparei com um dilema ético e moral. As estatísticas eram tão convincentes que, para mim, não fazer uso da oração com meus pacientes era o mesmo que negar-lhes um remédio ou um procedimento cirúrgico do qual suas vidas dependiam. Eu teria que lidar com isso. Deixei, portanto, que as informações me incomodassem, me afetassem e fizessem diferença no meu modo de tratar os pacientes. Comecei a criar um ritual de preces com o qual pudesse viver e sentir-me bem.

Essa percepção ocorreu cerca de um ano e meio antes de me decidir a abandonar a prática médica. Antes disso considerava a oração supérflua, algo que realmente não fazia parte da mesma categoria dos medicamentos e da cirurgia. Não acredito mais nisso. Hoje acho que ela realmente faz diferença na vida e na morte. Acho que posso fazer coisas que as drogas e a cirurgia às vezes não conseguem. Na verdade, a evidência é tão convincente que, se a honrarmos, posso ver o dia em que os médicos que não recomendarem orar por seus pacientes gravemente enfermos poderão ser processados por negligência.

TB – *Como são conduzidos os estudos nessa área?*

LD – Alguns estudos fazem parte do que tem sido chamado de *imagética transpessoal*. Nas experiências, duas pessoas são separadas, para que não possam ter nenhum contato sensorial entre si. A receptora é conectada a um aparelho que mede algo semelhante à reação galvânica da pele. A outra pessoa, a imaginante, produz

A oração faz o que drogas e cirurgias às vezes não podem fazer

imagens mentais a certa distância para tentar alterar essa reação. A única maneira de a pessoa imaginante obter êxito é estar realmente interessada pelo bem-estar da receptora. Estou me referindo ao interesse empático – amor, compaixão e cuidado. Se essa qualidade for excluída da experiência, ela fracassa.

Portanto, o amor e a empatia, a compaixão e o cuidado parecem ser qualidades fundamentais inerentes a todos esses contatos entre pessoas a distância. Eles constituem o fio de ouro sem o qual as experiências não funcionam.

TB – *Compaixão e interesse são qualidades às quais o senhor se referiu como devoção.*

LD – Sim. Não é como *orar* no sentido popular do termo.

TB – *O senhor se refere à antiquíssima idéia de que a gente pede a Deus, algo acontece, e o resultado é enviado de volta aqui para baixo – seria esse o sentido popular de orar?*

LD – Exato. Não que eu seja contra isso. Cresci com essa idéia de Deus como satélite de comunicações. Você envia sua prece ao Todo-Poderoso, que a reflete em algum outro lugar. É uma imagem baseada no espaço e tempo lineares.

Os efeitos não-locais aos quais me refiro não estão no tempo e tampouco no espaço. Eles estão fora da idéia newtoniana do universo. São coisas que acontecem *imediatamente a distância*. Não são mediadas por nada.

TB – *Qual é sua definição de oração?*

LD – A oração é uma comunhão com o universo ou com a mente una. Você pode escolher o nome de sua preferência: Deus, Deusa, o Tao, Brahma, Alá, o cosmos. Tudo o que fazemos em comunhão ou comunicação com o Absoluto para mim é oração. Esta definição não diz muito sobre o modo de orar – a oração pode ser uma atividade consciente ou inconsciente. E nem

mesmo diz se os efeitos de uma oração são bons ou maus. Procuo uma definição simples e abrangente.

TB – *Pode haver diferentes estilos de orar, como o contemplativo em oposição ao evocativo.*

LD – Certo. Silencioso em oposição ao vocal. Quieto em oposição ao movimento, à dança. Há todo tipo de métodos e estilos, relacionados com os estilos psicológicos inatos de cada pessoa. Uma das melhores maneiras de se pensar sobre isso é em termos de introvertidos e extrovertidos. As pessoas introvertidas tendem a ser mais silenciosas, com menos exibição, menos drama. Suas orações são menos direcionadas. Por exemplo, elas tendem mais a orar “seja feita vossa vontade”, em vez de dizerem ao universo o que ele precisa fazer para que a prece se realize. Os extrovertidos, por outro lado, estão muito mais à vontade para direcionar suas preces. Eles querem oferecer a Deus não apenas o diagnóstico, mas também o tratamento: “O problema é o câncer; faça-o desaparecer”, e coisas do gênero. De maneira que a psicologia inata da pessoa exerce grande influência no estilo ou estratégia de suas preces. A questão básica em grande parte da pesquisa é que uma variedade de métodos funciona.

TB – *Mas o que significa isso? Se uma pessoa suplica que um câncer seja removido e isso não acontece, a prece foi atendida ou não?*

LD – Quando perguntamos “A prece foi atendida?”, normalmente estamos perguntando “Obteve uma resposta positiva?” Há muitas maneiras possíveis de as orações serem atendidas. Além da resposta “sim”, as preces podem ser respondidas com “não”, “ainda não” ou “talvez”. C.S. Lewis disse que às vezes é necessário erigir o altar em um lugar para que a chama do céu desça em outro. A chama desce – o pedido é atendido – mas a chama não atinge necessariamente o lugar que você quer.

Uma das razões pelas quais eu, introvertido incurável, me sinto muito mais à vontade com a oração não-direcionada, é que penso que os seres humanos nem sempre são bastante inteligentes para saberem por quê orar. É como tentar "consertar" o meio ambiente: como podemos ser presunçosos a ponto de achar que sabemos como um meio ambiente complexo funciona!

TB – *Mas essa presunção há trezentos anos vem sendo a pedra fundamental da ciência.*

LD – Correto. E vem sendo a pedra fundamental da oração há muito mais tempo ainda. Eis um exemplo de como damos um tiro em nosso próprio pé com a oração direcionada: se todas as súplicas por cura feitas até agora tivessem sido atendidas, a terra estaria superpovoada e impossível de ser habitada por seres humanos. Quase todo mundo ora para se livrar de um congestionamento de tráfego, para se curar. Mas, em termos de espécie, isso não é nada inteligente.

TB – *Tudo isso levanta questões fundamentais sobre a doença, a cura e a saúde. E se opõe à crença comum.*

LD – Com certeza. A crença comum, o anseio ou desejo comum é a vida perfeita vivida em beatitude. Veja os prospectos que você recebe convidando-o para um workshop: os três temas principais são saúde, prosperidade e relacionamentos. Em outras palavras, queremos nos livrar dos aspectos ásperos da vida e deslizar por ela como sobre vidro. Mas essa é uma prescrição desastrosa. Carl Jung disse "Um destino pior do que a morte seria uma vida de saúde perfeita". A única maneira de os seres humanos chegarem a conhecer algo é através do contraste e da diferença. Não se tem idéia de saúde sem alguma experiência ocasional de doença. Não existiria o conceito de prosperidade sem uma exposição ocasional à pobreza. O sistema nervoso e o mecanismo perceptual humanos precisam da comparação

para apreenderem. Do contrário, seria como viver no meio de uma casquinha de sorvete de baunilha. Não haveria percepção. É como disse Bertrand Russell: "Jamais saberemos quem descobriu a água, mas pode ter certeza de que não foi um peixe". Isso é epistemologia básica.

TB – *Mas para a maioria das pessoas isso não é tão óbvio.*

LD – Não, não é. A crença comum é que é possível uma vida perfeita... vivida em perfeita beatitude.

TB – *E quase tudo na cultura moderna leva as pessoas nessa direção. Basta ver a publicidade.*

LD – Concordo. A publicidade é insana. Não apenas nociva psicologicamente, mas também muito nociva *biologicamente*. A única razão de estarmos vivos é termos estado doentes muitas vezes. Desenvolvemos o sistema imunológico ao ficarmos expostos a doenças quando crianças, pela invasão constante de vírus, bactérias e fungos. Sobrevivemos graças a isso e a um pouco de leite materno desde os primeiros dias. Caso contrário sucumbiríamos. É por isso que discordo da idéia de "saúde perfeita". Em princípio, a saúde perfeita é impossível.

Outra coisa que questiono é a equiparação que a nova era faz entre realização espiritual e saúde física; só se eu conseguir ser bastante sábio, ou suficientemente iluminado, terei saúde perfeita. Esse é o mote da nova era.

O mais superficial exame da história nega essa possibilidade. Muitas, ou mesmo a maioria das pessoas mais sábias, espiritualmente mais desenvolvidas da história morreram de alguma doença terrível: Krishnamurti, de câncer pancreático; Suzuki Roshi, de câncer na vesícula biliar; Ramana Maharshi, o mais querido santo da Índia moderna, de câncer no estômago. Retrocedendo mais na história: Santa Bernadete morreu de tuberculose generalizada na flor da idade, aos trinta e três anos.

Saúde perfeita: um destino pior que a morte

**Fazer tudo
direito
não garante
o paraíso
na terra**

O Buda morreu de intoxicação alimentar. Níveis altíssimos de realização espiritual não constituem garantia de boa vida com saúde perfeita. Mesmo assim, as pessoas continuam a acreditar que basta se colocarem em ordem, terem suficientes pensamentos positivos e alcançarem o devido desenvolvimento espiritual, para terem uma vida realmente maravilhosa. Só que não é assim que funciona. A menos que as pessoas compreendam isso, o cenário está montado para uma epidemia de culpa, fruto da nova era. As pessoas que estão na trilha espiritual terão biópsias cujos resultados serão positivos. Então passarão a martirizar-se, a repreender-se, com sentimentos de culpa. Dirão: "Se eu tivesse sido bastante espiritualizada, o resultado da biópsia seria negativo".

Entretanto, dissipar este dogma da nova era assusta. As pessoas são capazes de qualquer coisa para explicar as exceções, como os santos e místicos que adoecem. Atribuirão a doença ao carma, dizendo que estão pagando por faltas cometidas em vidas passadas. Outra explicação é que elas não se protegeram e pegaram as doenças de seus adeptos. Ou algumas pessoas dirão que esses líderes espirituais escolheram deliberadamente suas doenças como desafio para eliminarem quaisquer resquícios de ego ou remanescentes de apegos. Um dia destes uma pessoa me disse que "Buda e Jesus não eram tão espiritualizados quanto pareciam".

TB – *O senhor descreve a nova era como reducionista e simplista, muito semelhante à ciência clássica.*

LD – Ela é estreita. E vou dizer por que outros motivos eu acho que ela precisa mudar seu procedimento. O Buda afirmou que a causa do sofrimento é o apego. As crenças da nova era são *receitas* para os apegos. Apegos à saúde, à prosperidade, aos relacionamentos perfeitos, aos amantes perfeitos etc. Uma vida sem complexidade, sem quaisquer diferenças e contrastes. E como a nova era é uma receita para

o apego, ela é uma receita para o sofrimento. Acho que a nova era causou muito sofrimento para muitas pessoas bem intencionadas por causa dos apegos inerentes que estimula.

É fácil para mim colocar-me como uma espécie de rebelde da nova era, assim como é fácil me verem como um rebelde desafiando meus colegas cientistas. Mas acho que as pessoas estão preparadas para receber uma mensagem mais complexa. Nós fizemos a parte fácil. Examinamos as relações mente-corpo durante os últimos trinta anos e hoje é quase incontestado que os pensamentos, as emoções, os comportamentos e as atitudes afetam o corpo. Mas deveríamos parar de dizer que os efeitos sempre precisam ser positivos. E que se você fizer direito, terá garantidos a paz, a felicidade e o paraíso na terra. Isso é apenas conversa fiada. Os insights sobre mente-corpo nos propiciaram um nível de conhecimento adolescente. Agora é hora de chutar o adolescente no traseiro e dizer, "Muito bem, vamos passar ao trabalho pesado".

TB – *Com Meaning and Medicine o senhor dividiu a medicina moderna em três eras.*

LD – A Era I é a da medicina mecanicista. Ela exerceu sua função desde a década de 1860. A Era II, a era psicossomática, que é chamada hoje de abordagem mente-corpo, abrange as influências de pensamentos, emoções e atitudes da pessoa sobre seu próprio corpo. As medicinas mecanicista e da mente-corpo são ambas localistas em sua concepção e experiência.

A Era III é uma mixórdia diferente. É uma medicina não-localista e reconhece que pode haver efeitos a distância de uma mente sobre outros corpos: retrocognição, precognição, efeitos que precedem as causas ou cura resultante da oração, em que as pessoas que oram se encontram distantes e os pacientes nem mesmo sabem que alguém está orando por eles.

Amigos meus no movimento de saúde alternativa consideram que os efeitos

mente-corpo chegaram aos níveis mais exóticos e avançados que a cura pode alcançar. Mas a medicina mente-corpo da Era II é apenas a ponta do iceberg. Ainda não vimos nada. Realmente, temos de esperar para ver.

TB – *Então você acredita que a Era III da medicina possa ser implementada hoje?*

LD – Não acho que seja realmente difícil. Na verdade, acho que seria bem simples para o médico ir para casa e orar pelo paciente depois de receitar um comprimido ou ministrar outro tratamento qualquer. Na realidade, acho que de certa forma isso ocorre o tempo todo, embora não o reconheçamos. E porque não o reconhecemos, diluímos o poder desses fatos, negamos que eles ocorram. Combatemos essas influências.

Também quero levantar aqui a questão da relevância. Embora a Era III seja relevante para a medicina, sua verdadeira importância não está na capacidade de usarmos nossas mentes a distância para fazer com que o tumor de alguém desapareça ou seu coração melhore. Sua verdadeira importância está no que ela revela acerca de nossa própria natureza, acerca de quem somos.

Com a Era III, reconhecemos que as mentes conseguem estender-se no espaço, que elas conseguem avançar e retroceder no tempo. Isso implica que há algo não-local na mente humana. A seguir, teremos de afirmar que o não-local significa realmente *infinidade no âmbito do espaço e do tempo*. Não-local não significa apenas distante.

TB – *Como daqui até Saturno.*

LD – Ou mesmo Urano. Também não significa apenas um tempo longo. Não-local implica infinidade. Se você diz que algum aspecto da psique é não-local, estará revelando um insight espiritual, meu irmão. Estará afirmando que algo em cada um de nós é onipresente, eterno e imortal. Ao afirmar isso, você terá reinventado a *alma*,

algo que jamais nasceu, jamais morre e não desaparece com a morte do cérebro ou do corpo.

De uma perspectiva localista, se me tivessem diagnosticado um câncer, eu ficaria muito feliz se o câncer desaparecesse por você ter orado por mim a distância. Mas mesmo se não desaparecesse, isso pouco importaria da perspectiva não-localista. Essa perspectiva da Era III nos permite pensar de maneira diferente sobre nossa relação com o Absoluto. Ela nos ajuda a compreender que há alguma divindade dentro de nós, porque é a essa divindade que sempre nos referimos como onipresente, infinita no espaço e no tempo, imortal e eterna.

TB – *Mas fora de nós...*

LD – Sim, mas agora estamos aplicando as mesmas qualidades a nós mesmos. Esses estudos de fenômenos não-locais fornecem evidências empíricas indiretas de que há algo em nós que é não-local, infinito no espaço e no tempo, imortal e eterno. De maneira que acabamos descrevendo algo em nós mesmos que é divino.

Essa não é nenhuma idéia estranha para a maioria das religiões do mundo. Elas reconhecem um aspecto da divindade nos seres humanos.

TB – *Na tradição hassídica, quando Deus criou o mundo, toda a luz de Deus encheu um copo. Quando ele se quebrou, o vidro fragmentou-se, e no interior de cada pessoa ficou um fragmento com luz. Isso é a divindade.*

LD – Sim, mas não acaba aí. Podemos levar as implicações da perspectiva da Era III mais longe, de maneira a ampliar nossas idéias sobre a relação entre bem e mal, saúde e doença, luz e sombra. Vamos supor que contemos o Absoluto, algo do divino dentro de nós. O Absoluto contém tudo; nada fica fora dele. Se não fosse assim, não o chamaríamos de Absoluto. Falamos um bocado sobre quem está sentado à mão direita de Deus, mas ninguém

quer mencionar quem está sentado à esquerda: o diabo. Lúcifer foi um dia habitante do céu. A luz e a sombra pertencem ao mesmo Absoluto. Isso significa que se você pretender reivindicar sua divindade interior, sua natureza não-local, terá de assumir o mal juntamente com o bem.

Há outra tradição no judaísmo, o princípio do *yezer bara*, o princípio negativo nos seres humanos. Deus colocou-o ali porque é importante tê-lo; um ser humano completo tem que ter um pouco dele, que é às vezes traduzido como "o princípio da canalhice irreduzível".

TB – *Algo como "o embusteiro".*

LD – Sim, ele é o embusteiro. É o sal da comida, necessário para intensificar-lhe o sabor, porque sem ele não há contraste. Portanto, se você pretende reivindicar sua natureza não-local, terá que levar o pacote completo.

Esta é outra razão pela qual quando as pessoas realmente compreendem o que a Era III envolve, algumas recuam e dizem: "Ah, é difícil demais lidar com isto. Acho que quero experimentar apenas o lado agradável".

Há uma passagem na Bíblia onde Deus diz: "Eu sou o criador da luz e das trevas. Eu faço o bem e o mal. Eu, o Senhor, faço todas essas coisas". Ora, isto é o Absoluto. Ele é tudo. Mas a paixão da nova era é pela saúde sem a doença, pela prosperidade sem a pobreza e assim por diante. Considero isso uma pseudo-espiritualidade. Uma coisa enganosa.

TB – *Tanto o lado luminoso quanto o sombrio, desempenham um papel em nossa totalidade.*

LD – Exatamente. Como parte de nossa totalidade, precisamos de nossa vulnerabilidade. Acho que o curador precisa dela para conhecer a doença, para adquirir poder como curador. Esse parece ser um princípio básico. Jesus passou quarenta dias no deserto em lutas titânicas com o demônio; o xamã responde ao chamado e

não acaba nem deformado nem morto pela provação. Parece estar escrito na espiritualidade que há um lado escuro ao qual temos que nos expor e essa é uma das razões pela qual faço restrições à idéia de saúde perfeita, de paraíso na terra etc.

Há um ponto na perspectiva não-local no qual coisas como saúde e pobreza deixam de ser tão importantes; elas quase deixam de importar. É como se a saúde física e a prosperidade se tornassem irrelevantes na perspectiva não-local.

TB – *E o que dizer a alguém que tem câncer ou aos membros de sua família?*

LD – Frequentemente se observa esse entendimento nas crianças com doenças fatais. Elas não têm todos esses apegos. Elas não têm a idéia de prosperidade e não entendem todas essas coisas às quais nos apegamos. Por isso parecem almas muito velhas, pessoas sábias em pequenos corpos. É incrível observar essas crianças que sabem que vão morrer e já estão em algum outro lugar. E os adultos que se deixam influenciar por essas crianças saem da experiência muitas vezes transformados.

TB – *De maneira que as doenças podem trazer lições sobre o divino?*

LD – Esse é o desfecho. Se eu não pensasse assim, não estaria escrevendo esses livros. Não estou à procura de uma terapia mais eficaz. Não estou à procura de um instrumento psicológico que possa ter a aparência da próxima droga milagrosa.

TB – *Você torna claro em seus livros que a Era III não tem uma fórmula terapêutica.*

LD – Basicamente, não estou muito interessado na quantidade de tempo que as pessoas vivem, ou se elas alcançam a prosperidade, ou se encontram seu relacionamento perfeito. Não posso dizer que não me importo em absoluto, mas meu nível de preocupação a esse respeito é muito baixo se comparado com meu interesse sobre se as lições mais importantes são

aprendidas ou não. E as lições mais importantes são as respostas que as pessoas procuram, as respostas às grandes questões. De onde vim? Para onde vou? Há alguma outra coisa após a morte?

Meus livros também têm outra estratégia, parte da qual é legitimar tais lições invocando a ciência, que é ainda a metáfora mais poderosa de nossa cultura, queiramos ou não.

Acho que a maioria das pessoas que entra para as universidades – sobretudo para se graduarem em ciências – sai pensando que há basicamente duas maneiras de viver a vida. De um lado, pode-se escolher ser intelectual, racional, razoável, científico, orientado para o lado esquerdo do cérebro; de outro, pode-se escolher o caminho do místico, do poeta, do artista, do intuitivo, do espiritual – do falível, basicamente.

TB – *E do pobre.*

LD – Exato, e do pobre. Mas esta é uma separação esquizofrênica. Não acho que seja fundamental; acho que é uma ilusão que causa muita dor. Portanto, uma de minhas tarefas é tentar estabelecer uma ponte sobre essa divisão e mostrar que se podem ter os dois modos. Você pode ser um cientista místico ou um místico orientado cientificamente. Acho que a época atual é fantástica nesta cultura, por causa do modo com que a ciência está passando para o poder do místico, se quisermos entendê-lo assim. Como é que alguém pode olhar para esses estudos de não-localidade e não ver as implicações espirituais, está absolutamente fora do meu entendimento.

A realização espiritual, ou a iluminação, é, em essência, um conceito não-localista. É a idéia do Deus interior, que sempre esteve ali. Portanto, a relação entre a não-localidade e a percepção espiritual é extraordinariamente profunda. É por isso que a não-localidade na medicina da Era III tem muito mais a ver com a espiritualidade do que com o desaparecimento do câncer.

Redigi uma conferência onde proponho uma nova categoria de medicina, contrária à temporal predominante – uma era em que as pessoas ficam bem, vivem até o futuro, superam a doença e melhoram sua saúde. O ponto de partida da medicina temporal é a suposição da tragédia. Independente da eficácia dos instrumentos, medicamentos e tratamentos, sabemos que elas vão acabar fracassando; todas vão morrer. Todo mundo até hoje morreu. A gente não consegue escapar da tragédia na medicina temporal, independente da qualidade da medicina.

Em lugar dessa medicina temporal, proponho que pensemos na medicina da *eternidade*. A medicina da eternidade não está no tempo. Ela reconhece que até certo nível você já é perfeito. Você não melhora na medicina da eternidade; você não se aperfeiçoa. Até certo ponto você contém tudo, tanto a saúde perfeita quanto a doença. Não há nada que não esteja contido em você. Você sabe que o aspecto mais essencial de quem você é não pode morrer. Isto vira toda a compreensão do empenho médico de ponta-cabeça. Torna-se um motivo de celebração, júbilo, glória: você não pode morrer; não pode nem mesmo nascer. O ponto de partida na medicina da eternidade não é a tragédia, mas a celebração. ▲

Tradução de Carmen Fischer

TED BRAUDE é escritor profissional, locutor e consultor financeiro, estabelecido em Royal Oak, Michigan, EUA.

Esta entrevista foi publicada originalmente na revista *The Sun - A Magazine of Ideas*, 107 North Roberson Street, Chapel Hill, NC 27516, EUA. Fone: (919) 942-5282.

MORRIS BERMAN

PODER E CONHECIMENTO

No século 21, todo conhecimento deve traduzir-se em informação e a informação, mercadoria vital de troca e consumo, será sinônimo de poder. Mas só desse poder viverá o homem?



MORRIS BERMAN é professor universitário, filósofo e crítico social e autor de *Social Change and Scientific Organization*, *Coming to Our Senses* e *O reencantamento do Mundo*, no prelo pela Edusp.

Há alguns anos, o Conselho das Universidades do governo de Quebec pediu ao filósofo francês Jean-François Lyotard que preparasse um relatório sobre a condição atual e futura do conhecimento. O resultado foi *La Condition postmoderne* [A Condição Pós-moderna], publicado em 1979, livro que está entre as mais importantes obras sobre des-construção e pós-modernismo. Eis o que considero o ponto crucial da previsão de Lyotard, no que diz respeito à natureza e função da educação no século 21 (cito trechos das páginas 4 e 5 da tradução em inglês).

“O conhecimento, em forma de produto informativo indispensável à capacidade produtiva, já é, e continuará sendo, um importante – talvez o mais importante – fator na competição mundial pelo poder. É concebível que as nações-estados lutem entre si pelo controle da informação, do mesmo modo que no passado lutaram pelo controle de

territórios, e mais tarde pelo controle do acesso e da exploração de matéria-prima e mão-de-obra barata. Um novo campo se abre, por um lado, às estratégias industriais e comerciais e, por outro, às estratégias políticas e militares. (...)

A natureza do conhecimento não pode sobreviver sem mudanças dentro desse conteúdo de transformação geral. Somente poderá se enquadrar nos novos canais e tornar-se operacional se o saber se traduzir em quantidades de informação. (...) Assim, podemos esperar por uma completa exteriorização do conhecimento com relação ao 'conhecedor', seja qual for o estágio que esse conhecedor ocupe no processo do conhecimento. O velho princípio de que a aquisição de conhecimento é indissociável do treinamento (*Bildung*) das mentes, ou mesmo dos indivíduos, está se tornando cada vez mais obsoleto. (...) O conhecimento é e será produzido a fim de ser vendido, é e será consumido para ser valorizado em uma nova produção. Em ambos os casos, a meta é a troca."

Tive três reações diante desta descrição do conhecimento presente e futuro. Primeiro, reconheci que a previsão de Lyotard foi sem dúvida verdadeira. Se considerarmos a evolução geral das instituições educacionais, que passam de centros de aprendizagem para centros de aquisição (isto é, bancos de dados), não só tais desenvolvimentos são óbvios, como o desenvolvimento de tudo, inclusive o da educação, que passou a ser governado por uma "lógica da dominação". Dentro dessa lógica, o valor de troca tornou-se o único valor – desenvolvimento previsto há décadas por escritores como Max Horkheimer, Theodor Adorno, Herbert Marcuse e outros membros da Escola de Frankfurt para Pesquisa Social. E a era da política do poder certamente ainda está longe do fim. Pelo contrário, deverá se intensificar no século 21, passando da situação de nação-estado para a de arena internacional. Então, conforme declarou Robert Reich, Secretário do Trabalho dos Estados Unidos, o modelo de produção estará baseado na manipulação da informação simbólica.

Tanto Jacques Attali em *Lignes d'Horizon* (*Millenium*, na tradução em língua inglesa) quanto William Gibson em seu clássico romance "cyberpunk" *Neuromancer*, vêem um mundo de política do poder dividido em blocos econômicos japoneses, norte-americanos e europeus, em que se luta pelo controle do microchip. Em um mundo desses,



acho realista admitir que a previsão de Lyotard quanto a uma forma de conhecimento totalmente exterior ao conhecedor, e que exista somente em virtude de seu valor de troca, seja praticamente inevitável.

Minha segunda reação foi sentir-me bastante perturbado. Essa visão refere-se a um mundo em que poder e manipulação se tornaram as categorias definidoras da própria vida, situação que considero nada menos que um pesadelo. Minha própria tradição é bem diferente. Há algum tempo, fiz uma visita à psicoterapeuta inglesa Marion Milner, autora de uma série de livros importantes e corajosos sob o pseudônimo de Joanna Field. Por ocasião de minha visita, ela tinha 92 anos e ao me acompanhar a sua sala de estar, disse: "Pois bem, fale-me de seus bisavós". Compreendi que essa mulher era uma velha e sábia raposa: ela não queria nada com conhecimento exterior ao conhecedor! A propósito, vou contar um fato que aconteceu com um de meus avós quando completou cinco anos na Rússia Branca, nos anos 1880.



OS TRÊS PODERES – Era costume dos judeus da região da Rússia Branca, conhecida como Grodno Gubernilia, iniciar os meninos de cinco anos no estudo da Bíblia dando a cada um uma lousa em que se desenhavam as duas primeiras letras do alfabeto hebraico, *aleph* e *beys*, com mel (produto muito escasso) para que o lambessem. Ao lambar o mel da lousa, meu avô aprendeu uma lição que permaneceu com ele por toda sua vida e talvez, pela via genética, também por toda minha vida: a de que o conhecimento é doce.

A noção de bancos de dados e manipulação da informação simbólica como a essência do processo educacional teria sido incompreensível para meu avô, e garanto que é muito estranha para mim. Não podemos simplesmente nos iludir e pensar que a cronologia, por si só, constitui progresso e que, ao sairmos do século 20 em direção ao 21, estaremos, necessariamente, entrando em um mundo melhor. Se Lyotard, Attali e Gibson estiverem certos em apenas 30 por cento de suas previsões, e o conhecimento do século 21 se reduzir àquilo que

puder gerar no mercado aberto, então é provável que o mundo do século 21 seja muito mais pobre que este em que vivemos hoje – pelo menos para a maioria das pessoas do planeta.

Minha terceira reação ao texto de Lyotard baseou-se, pelo menos em parte, em minha experiência como cientista social. Compreendi que, potencialmente, estávamos falando de três tipos de educação, estreitamente relacionados com três diferentes tipos de poder.

O primeiro tipo de poder é aquele que meu avô experimentou aos cinco anos, ou mesmo antes, e é a própria alegria de ser/estar (por exemplo, estar no mundo). Percebemos esse poder em crianças muito novas mas, sintomaticamente, não o reconhecemos como poder pelo fato de as crianças serem tão dependentes dos adultos para sua sobrevivência. É um poder que a maioria de nós, adultos, perdeu. É o poder do não-poder, se quiserem, ou de amar o mundo tal como ele se apresenta. E porque é poder e nós, adultos, sabemos disso de modo inconsciente, existe uma tendência a erradicá-lo de nossas crianças numa idade muito tenra. Pois temos ciúmes de um poder que reconhecemos ter sido nosso também algum dia e que depois perdemos. Assim, nós nos certificamos de que nossas crianças terão o mesmo destino que tivemos e construímos escolas para garantir a perpetuação da privação em bases institucionais.

Essa mutilação da alma – pois é disso que se trata – leva-nos, ainda muito novos, ao segundo tipo de poder, presente nos comentários de Lyotard sobre o futuro da educação como valor de troca e manipulação simbólica. Isto é poder no sentido sociológico clássico: a capacidade de fazer com que as pessoas façam coisas contra sua vontade e que basicamente odeiam fazer. Está enraizado na dor da primeira infância e no medo do mundo e é, de modo explícito, o tipo de poder que emerge para compensar a perda do primeiro tipo, que inconscientemente nos angustia. A base de sua psicologia é “manipular ou ser manipulado”. Os resultados estão à nossa volta e aparecem com mais evidência nos extremos de riqueza e pobreza que devastaram a raça humana durante milhões de anos e que poderiam tornar-se piores no próximo século. Se seguirmos o caminho da educação e do conhecimento totalmente externos ao conhecedor, apenas ampliaremos a lógica da dominação, a respeito da qual a Escola de

Frankfurt nos preveniu. É também uma triste ironia que as pessoas envolvidas nesse tipo de poder não possam sequer imaginar o poder do primeiro tipo – que é um completo mistério para elas. Na melhor das hipóteses, consideram esse tipo de alegria e interesse como algo ingênuo ou curioso, sem contato com a “realidade”.

PODEROSOS E IDIOTAS – Um terrível exemplo disso ocorreu há algum tempo. G. Gordon Liddy, pouco mais que um arruaceiro e um dos responsáveis pelo arrombamento da sede do Partido Democrático no Hotel Watergate há vinte anos, foi convidado a dar uma palestra na Trinity University em San Antonio, Texas, considerada a melhor universidade do sudoeste dos Estados Unidos. Pelo “privilégio” de ter Liddy expondo sua filosofia aos futuros formandos durante trinta minutos, a universidade lhe pagou nada menos que 15 mil dólares. O que disse ele a esses futuros cidadãos norte-americanos? Liddy subiu ao palco numa atitude de jactância insolente e anunciou: “O que tenho a dizer se resume a isto: há dois tipos de pessoas no mundo, aquelas que têm poder e aquelas que não têm. E aquelas que não têm são umas idiotas”. Na verdade, essa é a filosofia de muita gente no mundo atual. Liddy não é tão fora do comum. O que considero particularmente perturbador, no entanto, foi a reação dos estudantes a seu comentário de abertura. Eles explodiram em um selvagem aplauso. Essa era uma filosofia de vida que admiravam. Há vinte anos, um corpo estudantil inteligente, e que soubesse por que algumas pessoas neste mundo têm poder e por que algumas não o têm, teria vaiado um homem como Liddy, pondo-o para fora do palco. Hoje, ele é uma espécie de herói da juventude. Os tempos estão mudando...

E quanto ao terceiro poder? Como no caso do poder número 1, este também é um poder-sem-nome, porque está fora das tradicionais categorias sociológicas. Eu prefiro chamá-lo de “poder ontológico” e é o tipo de poder que deriva de nossa condição existencial – o “conhecedor” conhecendo-se como o conhecido. A esta altura, através de trabalhos como a psicanálise, teoria das relações objetais, estudos sobre auto-reconhecimento de bebês no espelho, terapia familiar e relações entre pais e filhos na primeira infância, assim como os estudos sobre limites do corpo e integridade somática, aprendemos o bastante sobre



a condição humana ou, pelo menos, sobre a moderna condição humana ocidental, para poder dizer o que mexe com a maioria de nós. Este tipo de conhecimento é motivado pelo desejo de nos livrarmos da dor; na realidade, de nos libertarmos daquilo que chamei de poder número 2, para conseguir apreciar de novo o poder número 1.

O problema real é que a maioria das escolas não transmitem conhecimento ontológico. Não de fato. De modo geral, esse conhecimento é considerado algo esotérico. Sempre que lecionei em universidades e tive vontade de explorar o assunto de forma experimental, verifiquei que era considerado de grande interesse por alunos que não faziam parte do curso. Os que estavam no curso logo começavam a fazer a ligação entre conhecimento interior e exterior (isto é, aquilo que vem da própria experiência e da auto-observação e aquilo que deriva de uma análise cultural). O filme *Sociedade dos Poetas Mortos* tocou nesse tema. Aprender literatura não é só aprender literatura; o aprendizado vem carregado de outros tipos de conhecimento.

Há pouco tempo deparei com um comovente exemplo de poder/conhecimento ontológico em uma instituição educacional. A reitora e uma sub-reitora falavam da avaliação anual da segunda. Ela comentou que era a primeira avaliação substantiva e crítica que recebera em sua carreira acadêmica que não havia sido ao mesmo tempo humilhante. O comentário da reitora foi que, ao subir na carreira, ela mesma havia sido tão humilhada ritualmente que resolvera não passar isso a seus subordinados. Como conseguiu? A chave, disse ela, era manter-se na dor de sua própria ferida, sentindo-a, em vez de reprimi-la. Nada fácil. Mas uma vez "exorcizada" dessa maneira, a cadeia de comportamentos destrutivos pôde ser quebrada. Este poder de nos mantermos na dor de nossa própria história pessoal e coletiva, de senti-la em vez de passá-la mecanicamente adiante, talvez seja a essência do poder ontológico e acredito que para termos poder ontológico precisamos de educação e conhecimento ontológico. Se pudermos atingir isto, abandonaremos a dependência da ideologia e a triste necessidade de controlar todas as pessoas e todas as coisas o tempo todo.

Quero acrescentar, contudo, que também existe um perigo potencial no cultivo do poder ontológico, que se manifesta mais dramaticamente no fenômeno guru. É um fenômeno muito comum hoje em dia, e ocorre quando alguém é capaz de ter insights poderosos e pessoais da condição humana e então procura colocar essa experiência a serviço da fama e da influência. Em outras palavras, o poder número 3 é, infelizmente, muito fácil de ser adotado pelo poder número 2, e devemos ser muito cautelosos quanto a isto. Não se trata simplesmente de que, uma vez desenvolvido o poder ontológico, tudo será perfeito.

PRISÕES ESCOLHIDAS – Esta é, enfim, a história que eu queria contar, a história de três tipos de poder e de três tipos de conhecimento e educação que correspondem a eles. Com franqueza, creio que precisamos nos educar nas três áreas, mesmo na segunda, já que vivemos no mundo "real" e não podemos escapar dos dramas da dor e do medo apenas por decreto.

Pessoalmente, aprecio a manipulação simbólica. Tenho acesso à Internet e adoro receber cartas eletrônicas de colegas da Nova Zelândia, ou consultar o fichário da Universidade de Heidelberg. É formidável contarmos com esse recurso de informação; não quero abrir mão

disso. Porém, conforme ressalta Lyotard, o perigo não é esse. Não precisamos nos preocupar com deficiências nessa área de nossa educação. O que precisamos fazer é falar sobre como a primeira e a terceira categorias podem se tornar algo mais que experiências aleatórias e acidentais (se é que de fato ocorrem) no processo educacional. Eu tive sorte pois, graças a um acidente histórico, contei com um avô notável que sabia quão doce é o conhecimento. Também tive um professor de inglês no curso secundário no estilo de Robin Williams no *Sociedade dos Poetas Mortos*. Sem o saber, ele mudou minha vida no dia em que leu em aula o famoso poema de John Keats "On First Looking into Chapman's Homer". Mas tudo isso foi fortuito, fora do currículo – o que não considero muito bom. Também não é muito bom que nossas vidas tenham que se tornar espiritualmente distorcidas e emocionalmente disfuncionais para só então irmos em busca do conhecimento ontológico. Essas coisas deveriam ser parte vital de nosso sistema educacional; deveríamos ensiná-las e estudá-las regularmente, junto com a manipulação da informação simbólica.

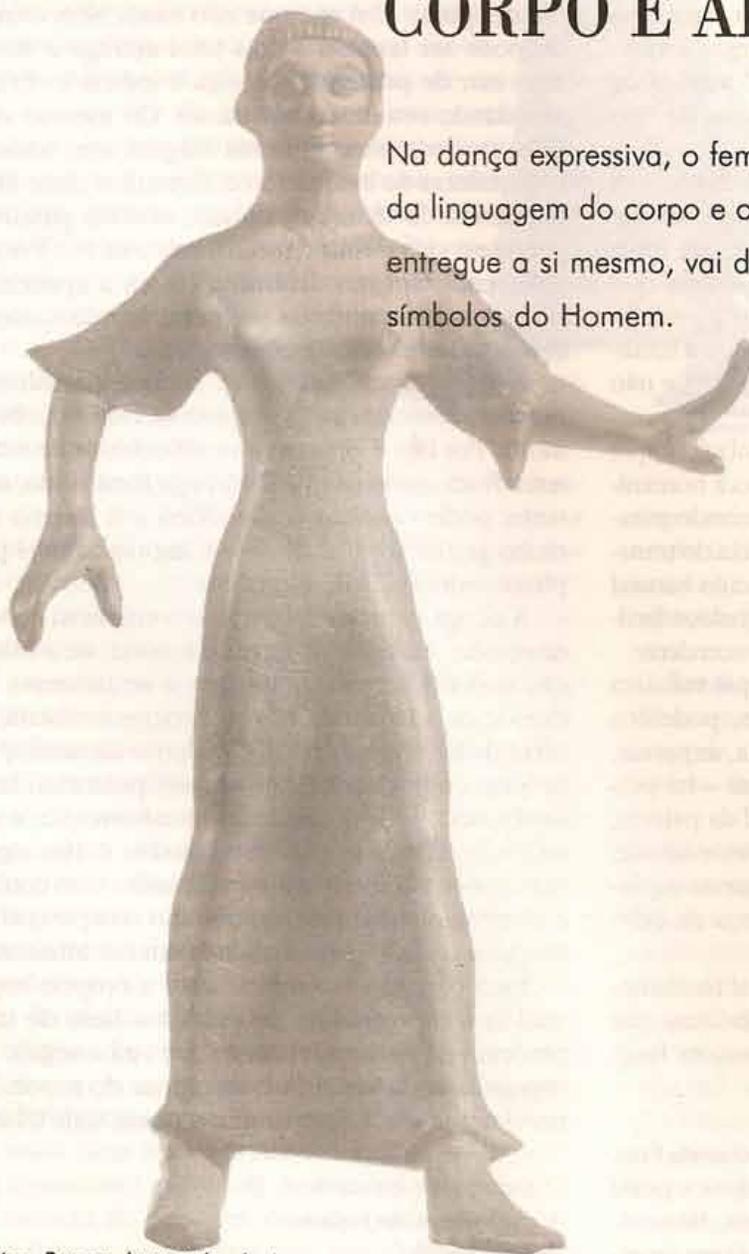
Se me perguntarem como penso que isso pode ser implementado, devo confessar que não faço a menor idéia. Attali e Lyotard têm razão: as forças por trás da categoria 2 são enormes e ganham ímpeto a cada dia. Essa é a norma. Como poderemos transformar isso é algo que não sei mesmo dizer. Tudo o que posso fazer é falar sobre o assunto.

Recordo-me, no entanto, de um comentário de Doris Lessing quando deu uma série de palestras pelo rádio no Canadá, há alguns anos. O título da série era "As Prisões que Escolhemos para Viver". Ela imaginou uma situação daqui a vários milhares de anos, em que historiadores e arqueólogos estariam escavando as ruínas de nossa civilização. O que os deixará mais intrigados a respeito de nossa civilização, disse ela, é o fato de que tínhamos o conhecimento necessário para nos salvar, para tomar um rumo diferente e que, por alguma razão, optamos por não fazê-lo. Isso, naturalmente, seria o conhecimento ontológico, porém atingido tarde demais. Talvez seja hora de começar a discutir qual o tipo de educação que queremos e o tipo de poder que desejamos imprimir às nossas vidas. ▲

Tradução de Léa Schwarcz

VERA LÚCIA PAES DE ALMEIDA

DANÇANDO DE CORPO E ALMA



Na dança expressiva, o feminino é cúmplice da linguagem do corpo e o dançarino, entregue a si mesmo, vai desvendando símbolos do Homem.

Duas polaridades da maior importância na vida humana – matéria e espírito, ou corpo e alma – por muito tempo estiveram separadas dentro de nós, lutando pela supremacia em importância e grau de influência. Hoje sabemos que estão profundamente interligadas, mas apenas começamos a entrever sua interação dinâmica.

Pessoalmente, vivenciamos a matéria como *corpo* e o espírito, como *psique*. Mas, como estabelecer a relação que forma a unidade matéria-espírito, corpo-psique? Isso ainda é mistério e muito da beleza do ser humano reside nesse mistério. A questão é, portanto: como aproximar-nos dessa dimensão, como enriquecer-nos nesse contato sem reduzi-lo a algo já conhecido?

VERA LÚCIA PAES DE ALMEIDA é psicoterapeuta junguiana e professora de psicologia no Instituto Sedes Sapientiae.

Tanto o corpo como o feminino nos ajudam a relacionar-nos com esse mistério, sem equacioná-lo em fórmulas predeterminadas. Porque o corpo que se expressa por uma linguagem não-verbal e o feminino (qualidade psíquica que privilegia o conhecimento intuitivo, poético, afetivo) favorecem a expressão simbólica.

Entre as várias possibilidades de trabalho com o corpo, a dança expressiva é uma opção especial devido a sua própria essência: o movimento expressivo. Um movimento que não é mecânico, que busca na alma sua origem. Ao dançar, o corpo expressa o mundo interno que, por sua vez, pode “falar” através do corpo. Daí se produz uma intensa vivência do que chamamos corpo-psique.

O que vemos no trabalho com a dança expressiva é que a pessoa em contato com seu mundo interior dança mais movida por seus símbolos que pela força de vontade que dirige a musculatura. É a alma que dirige os movimentos. Da mesma forma que a totalidade da psique se expõe ao efeito do símbolo, é a totalidade da pessoa que se expressa no movimento, e não apenas seu ego, sua consciência.

Outro aspecto muito importante do símbolo é que através dos arquétipos ele religa o indivíduo à humanidade, trazendo uma força revitalizadora ao mundo puramente pessoal. O símbolo propicia a vivência do transpessoal. A dança, desde sua origem, é veículo natural para esse contato com o sagrado, pois estabelece facilmente a ponte para o mundo simbólico e transcendente.

Vendo a dança desta forma simbólica, que vai além de seu sentido mais concreto de bailado, podemos entendê-la como um fluxo livre de energia, expressa, por exemplo, na luz de um sorriso cativante – há pessoas que nunca dançaram no sentido literal da palavra, mas que exalam graça e beleza em cada gesto e atitude.

Podemos então imaginar a interação matéria-espírito, corpo-psique como uma dança, a dança da celebração da vida.

O trabalho corporal, aliado ao potencial feminino, acompanha as diferentes qualidades simbólicas que se expressam ao longo da vida, nas sucessivas fases de evolução da personalidade.

FASE Matriarcal – *Entrega* é a palavra-chave nesta fase. Aqui, o corpo se torna poroso, macio, flexível, e pode vivenciar todas as qualidades do feminino. Boas vivências nesta fase propiciam ao corpo o prazer de estar em si mesmo, o prazer do acolhimento intrapsíquico, fértil e harmonioso.

É muito importante que possamos encontrar em nós mesmos a sensação de aconchego, de segurança e nutrição; um refúgio tranquilo que acalma e revitaliza antes, durante e depois das batalhas da vida. Vivências de entrega prazerosa, de relaxamento e abertura para o universo intensamente rico que nos oferece o corpo, são peculiares da exuberância desta fase.

Como aqui estamos muito próximos do inconsciente, essas vivências podem ser assustadoras e mesmo perigosas. Um ego que não esteja bem estruturado pode ser tentado a uma total entrega e atolar-se num mar de prazeres, preguiça e inércia inebriantes, retardando seu desenvolvimento. Ou mesmo ser tragado por completo em uma viagem sem retorno às profundezas do inconsciente. Exemplos disso são dependência do álcool, de drogas, extrema passividade perante a vida e seus desafios, psicoses etc. Por outro lado, enrijecimento defensivo contra a aproximação do inconsciente pode causar, por exemplo, aridez afetiva, tensões e somatizações variadas.

A exuberância energética desta fase coloca-nos perante vivências muito intensas de vida e também de morte. Por isso é tão comum a dificuldade de entrega, tanto física como psíquica. Um ego fortalecido, no entanto, pode vivenciar o abandono a si mesmo como muito gratificante, vitalizante e imprescindível para a plena experiência do estar vivo.

A dança expressiva favorece o encontro com essa dimensão. Há um relaxamento natural, uma observação espontânea das sensações e sentimentos. Com exercícios adequados cria-se progressivamente uma identidade forte e flexível, que deriva da *aceitação* do próprio corpo, com todas as suas potencialidades e limitações. Antes de qualquer transformação, é preciso conhecer-se e aceitar-se tal qual se é. Isto significa entregar-se a si mesmo *amorosamente*, com confiança e alegria. Internamente, o feminino receptivo abre os braços e acolhe a personalidade em sua inteireza.

Uma conexão rica e forte com o próprio impulso vital (a fonte geradora de vida) é a base de todo o processo de desenvolvimento que virá a seguir. Daí a importância da vivência harmoniosa do aspecto corporal nesta fase. Como cantou o poeta Walt Whitman:

*O próprio ser eu canto (...)
A vida plena de paixão
força e pulsão,
preparada para as ações mais livres
com suas próprias leis divinas (...)*



FASE PATRIARCAL – A palavra-chave aqui pode ser *aprimoramento*: o corpo começa a lapidar suas habilidades e potencialidades. O máximo desenvolvimento corporal na forma patriarcal vê-se em atletas, esportistas, bailarinos profissionais; enfim, em todas as modalidades de atuação que requerem domínio e precisão máximos das atividades físicas, e mesmo no grande esforço e dedicação necessários para o aprendizado inicial das ações de andar, sentar, manter o equilíbrio etc.

À medida que vamos ampliando nosso mundo, nossa consciência corporal torna-se cada vez mais diferenciada. As polaridades vão ficando mais nítidas e precisas, sobretudo em relação a nossas "facilidades" e "dificuldades". Todos já sentimos, por exemplo, quão desagradável nos parece nosso corpo quando nos sentimos tímidos e deslocados em uma festa. Ou, pelo contrário, como é prazerosa uma ação na qual nos sentimos seguros e confiantes.

Nesta fase, a diferenciação das potencialidades corporais, quando aliadas ao feminino, é sentida como muito agradável, pois se fundamenta na descoberta lúdica e não no aprimoramento competitivo e na busca da perfeição.

A fase patriarcal oferece os canais de expressão para as sensações que desabrocham na fase matriarcal. A sensação de estar vivo expande-se e traz a necessidade de ação no amor, no trabalho, no lazer, nos estudos etc. O corpo deve ser capaz de se adaptar a cada situação de vida, contribuindo para a realização da personalidade em expansão – gestos de amor são diferentes de gestos no trabalho, e cada pessoa possui sua maneira gestual específica de expressar sua individualidade. A dança expressiva ajuda cada um a encontrar essa forma própria de expressão, fortalecendo o ego em sua singularidade, em sua diferenciação criativa.

O corpo na fase patriarcal não quer apenas "desabrochar" como na fase anterior. Ele busca aqui formas específicas de ação. Se o potencial feminino estiver presente, essas formas de ação tenderão a preservar e fornecer a harmonia e plenitude vivenciadas na fase matriarcal. Mantendo a flexibilidade e a suavidade, o corpo torna-se firme, bem ancorado nas pernas, decidido e autoconfiante.

A consciência, na fase patriarcal, afasta-se do inconsciente buscando delimitação, orientação e precisão. A forma concisa do haicai japonês exercita essas qualidades praticamente, criativamente. Seríamos capazes de fazer o mesmo ao estruturar nossas vidas? Conforme exprimem os versos de Bashô:

*Canto e morte
da cigarra
na mesma paisagem.*

FASE DE ALTERIDADE – Aqui a palavra-chave é *integração*. O corpo se abre para as trocas, para o diálogo, percebendo as influências recíprocas entre o mundo interno e o externo.

Na dança expressiva com outra pessoa temos um exemplo bem claro desta troca. Um parceiro rígido demais tenderá a impor seu movimento ao outro, a dirigir o movimento todo o tempo. Se, ao contrário, for flexível demais, tenderá a ser levado e dominado pelo outro parceiro. Portanto, a troca requer um refinamento da sensibilidade em níveis muito sutis, onde nenhum dos dois lados se impõe ou se deixa levar, mas acompanha o movimento criado pelo par, de modo que a *unidade* da dupla é que gera a dança.

Nesta fase, a vivência corporal se enriquece com o contato com outras dimensões internas: sentimentos, intuições, pensamentos, além do contato com o mundo externo. O corpo com estrutura forte e eixo firme, obtidos na fase anterior, se permite uma abertura para novas experiências, sem medo de perder a consistência. Se na fase matriarcal o corpo é percebido principalmente como fonte de prazer ou dor e na fase patriarcal ele se torna instrumento para o exercício da força do ego, agora nem domina nem é dominado, mas interage dialeticamente com as outras dimensões da personalidade.

O desenvolvimento desta fase produz aproximação das polaridades e o corpo pode abarcar a vivência de diferentes sensações e sentimentos simultâneos sem tanto receio. A divisão entre pensamento, sentimento, sensação e intuição não é estanque. Tenho, por exemplo, uma sensação de bem-estar e tranquilidade, e não dou importância à opressão que sinto no peito. Ou percebo a opressão mas não a ligo com algum sentimento de insegurança, medo ou insatisfação. Nesta fase é possível sentir-se bem e alegre e detectar, ao mesmo tempo, a opressão que traz à consciência alguma ponta de dor e insatisfação. Um pólo já não exclui necessariamente seu oposto.

Os referenciais bastante firmes e delimitados da fase anterior tornam-se mais fluidos. A vivência corporal se expande desde os níveis mais densos e concretos da matéria sólida até a percepção de níveis mais sutis do corpo como fontes de energia. Neste ponto, o potencial feminino é importante, pois a percepção

da matéria, do corpo além da realidade mais concreta, exige qualidades como intuição, abertura para o mistério, criatividade e um alto refinamento da sensibilidade.

Quando alcançamos isso, as trocas se efetuam em vários níveis de qualidade. O corpo não reage apenas aos pólos extremos, mas aprende as gradações sutis entre os pólos e é capaz de variar sua interação com o mundo interno e externo num diálogo enriquecedor – entre o pesado e o leve há uma variação enorme de intensidade, assim como entre o amor e o ódio e qualquer outra relação polar, física ou psíquica. Na interação dialética desta fase, o corpo descobre suas infinitas possibilidades de expressão e troca, intercambiando os opostos numa dança criativa:

*o que muda na mudança
se tudo em volta é uma dança
no trajeto da esperança
junto ao que nunca se alcança?*

(Carlos Drummond de Andrade)

FASE CÓSMICA – Palavras-chave: *transcendência-totalidade*. O corpo é vivenciado como parte de uma totalidade maior. Nesta fase, as polaridades que dialogaram na fase anterior se unem em uma nova síntese, ou seja, são transcendidas gerando uma vivência de inteireza, completude.

O corpo não é mais vivido como matéria, pólo oposto à alma, à psique, mas, junto com ela, revela-se como uma nova unidade criativa. Assim são possíveis novas experiências que podem até fugir às experiências mais comuns no mundo físico que nos rodeia. A ciência já está entrando nesse campo com as novas descobertas da teoria quântica. O conhecimento da matéria em níveis submicroscópicos já não provém da experiência sensorial direta. Ao lidar com experiências não-sensoriais da realidade, físicos nucleares tiveram de enfrentar aspectos paradoxais de experimentos científicos, antes relatados apenas por místicos e principalmente pela filosofia oriental.

A diminuição de tensão entre os opostos traz uma transformação qualitativa que se traduz fisicamente numa vivência de equilíbrio, harmonia, graça e firmeza. Em momentos de profunda integração e transcendência, essa vivência amplia-se para os chamados estados alterados de consciência, os êxtases místicos, as experiências de iluminação (satori) oriental. O fato de estar profundamente enraizada no corpo

permite à experiência ir além, perceber o mundo através das aparências e sentir-se uno com ela.

Em sua auto-experiência, o corpo sente-se imortal na conjunção com o self (sua dimensão energética-perene) e ao mesmo tempo finito em sua mortalidade. A experiência corporal suprema de vida e de morte é redimensionada aqui numa percepção qualitativamente mais rica e elevada, pois o corpo já não se identifica apenas com seu lado material-transitório, o ego, mas experimenta sua outra dimensão, o self. Isso dá sentido e significado ao processo de desenvolvimento, ou seja, de realizar a si mesmo como unidade.

São Francisco, em suas conversas com os pássaros, com a terra, com a natureza, atingia Deus. O centro já não está no corpo ou na mente, mas, transcendendo a polaridade, encontra-se no self, que é corpo e alma, natureza e divindade. O pássaro é Deus, Deus é o pássaro e nós somos os dois.

Por fim, as duas pontas do círculo evolutivo unem-se. Fase matriarcal e fase cósmica, natureza e transcendência são uma e a mesma coisa, cumprindo o anseio mais profundo de renascimento e transformação do ser humano. ▲

*Para ser grande, sê inteiro: nada
Teu exagera ou exclui.
Sê todo em cada coisa. Põe quanto és
No mínimo que fazes.
Assim em cada lago a lua toda
Brilha porque alta vive.*

(Fernando Pessoa – heterônimo Ricardo Reis)

BIBLIOGRAFIA

- "O Desenvolvimento Simbólico da Personalidade", Carlos Byington, *Junguiana*, Revista da Sociedade Brasileira de Psicologia Analítica, São Paulo, nº 1, 1983.
- *Folhas das Folhas da Relva*, Walt Whitman, Ed. Brasiliense, São Paulo, 1983.
- *O Livro dos Hai-Kais*, Bashô, Massao Ohno Editora, São Paulo, 1983.
- *O Corpo*, Carlos Drummond de Andrade, Ed. Record, São Paulo, 1987.
- *Sabedoria Incomum*, Fritjof Capra, Ed. Cultrix, São Paulo, 1988.
- *O Eu Profundo e os Outros Eus*, Fernando Pessoa, Ed. Nova Fronteira, São Paulo, 1980.

PAINEL

Dinheiro ético

Empresas de reciclagem e reintegração social, economia solidária e comércio justo, agricultores ecológicos, cooperativas, financiamento de projetos alternativos, entre outras iniciativas, surgiram como resposta à crescente desumanização da economia. Intercâmbios permanentes de experiências e propostas de trabalho têm sido realizados visando potencializar e coordenar projetos com a perspectiva de uma sociedade civil geradora de redes entre os novos movimentos sociais. Esses novos empreendimentos se diferenciam das iniciativas empresariais convencionais por atividades econômicas e financeiras que respeitam o meio ambiente, a integração de pessoas desfavorecidas e um funcionamento democrático como forma de gestão coletiva. A finalidade dessas empresas é a pessoa. A rentabilidade e os benefícios são os meios.

Desde a II Guerra Mundial, a sociedade civil dos países anglo-saxões começa a se dar conta de como seu dinheiro é utilizado contra suas idéias e interesses e se pergunta por que investir o dinheiro manejado consciente e solidariamente em um sistema ou projetos empresariais contrários à dignidade e o desenvolvimento humanos. Nasceram os *Ethical Funds*, ou fundos éticos e os bancos alternativos. O Eco-Banco, de Frankfurt, Alemanha, teve lenta gestação e abriu as portas em 1989. A Ethik, de Colônia, Alemanha, uma empresa de investimento ético, é uma sociedade cooperativa de crédito criada em 1988. A ecologia e o pacifismo são as bases de apoio e nascimento dessas iniciativas.

Para informações dirigir-se a:
The Ethical Investment
Fund 10, Queen Street - Mayfair
GB-London W1X 7PD

Eco-Banco
Postfach 101739
D-60017 Frankfurt am Main

Ethik, Ethisches Investment Köln
Seyengasse 2 D-50678 Köln

Extraído da revista *Ajoblanco*, nº 76, julho/agosto 1995,
Ediciones Culturales Odeón, Barcelona, Espanha.

Última chance para o tigre

O World Wide Fund for Nature – WWF, divulgou uma advertência: o comércio ilegal de ossos de tigre, usados pela medicina asiática, constitui ameaça iminente de extinção desses animais.

No primeiro relatório já publicado sobre o comércio global do tigre o pro-grama TRAFFIC da WWF, que controla o comércio de animais selvagens, alerta que restam apenas 5.000 tigres no mundo. Seu declínio pode ser amplamente atribuído à caça ilegal para alimentar o comércio de ossos, consumidos pelas comunidades asiáticas do mundo todo, incluindo Canadá e Estados Unidos. Receitado para aliviar o reumatismo, o osso de tigre também é usado no tratamento de grande número de outras enfermidades, de cefaléias a dores nas costas.

Em seu esforço para acabar com esse comércio ilegal, o WWF está instando os governos a implementar penas e leis mais severas e fiscalizar seu cumprimento e a dissuadir os consumidores, recomendando mais pesquisa sobre remédios alternativos e cooperação através do recém-criado Fórum Global do Tigre.

Para obter exemplares de *Killed for a Cure: a Review of the Worldwide Trade in Tiger Bone* ou maiores informações, contatar Christina Yin, WWF International +41-22 364 9576 ou Bobbie Jo Kelso, TRAFFIC International +44-1223 277427.

PAINEL

Curso de medicina tibetana

Médicos ocidentais terão acesso ao milenar conhecimento de cura da medicina tibetana, no curso em língua inglesa a ser realizado de 24 de novembro a 4 de dezembro de 1995 em Dharamsala, Índia.

Entre outros professores, o curso contará com o eminente Dr. Tenzin Choedrak, o Dr. Lobsang Wangyal, o Dr. Dawa, o Dr. Namgyal Qusar.

Para maiores informações, dirigir-se a T. Tashi, Director, Tibetan Medical & Astro. Institute, Gangchen Kyishong, Dharamsala-176215, Distt. Kangra, H.P., Índia.

Tolerância no dia-a-dia

Para incentivar a proposta do Ano Internacional da Tolerância, criada pelas Nações Unidas, o Standing Committee da UNESCO organizou um concurso para escolher o melhor poster sobre o tema da tolerância na vida diária.

O poster premiado será impresso e distribuído por todo o mundo.

Exibições dos 50 melhores trabalhos serão realizadas em 1996.

Data limite de inscrição: 15 de setembro de 1995.

Para informações sobre as regras do concurso, contatar:
NGO Standing Committee, UNESCO, 1, Rue Miollis, 75732 Paris Cedex 15
Tel: (33-1) 45 68 32 68
Fax: (33-1) 45 66 03 37

PAI na Internet

A Population Action International - PAI, agora na Internet, oferece textos eletrônicos de suas publicações sobre o Programa de População e Meio Ambiente.

Os arquivos, disponíveis para o *downloading*, não incluem gráficos, quadro de dados e notas finais que constam das publicações, mas contêm os textos completos dos relatórios "Challenging the Planet; Connections Between Population and the Environment" e "Sustaining Water: Population and the Future of Renewable Water Supplies".

Também estão disponíveis vários comunicados à imprensa e informações sobre o PAI. Outros relatórios serão colocados em breve na Internet.

Para encontrar PAI na Internet digite *gopher gopher.igc.org*, selecione "other organizations" do primeiro menu e "Population Action International" do segundo.

Seminários

A International Union for the Scientific Study of Population - IUSSP organizará dois seminários no segundo semestre de 1995.

O primeiro, sobre RELAÇÕES ECONÔMICAS INTERNACIONAIS E MUDANÇA DEMOGRÁFICA, co-subsidiado pelo East-West Centre Programme on Population, terá lugar no Havaí, de 12 a 15 de setembro, focalizando temas econômicos relativos às transformações atuais nos hemisférios Norte e Sul.

O segundo, referente a FERTILIDADE MASCULINA NA ERA DA REDUÇÃO DA FERTILIDADE, será realizado no México de 7 a 10 de novembro e tratará dos objetivos da fertilidade e comportamento masculinos.

A 23ª Conferência da IUSSP está programada para 1997, na China.

Seminário do Havaí: contatar Frances Jans, IUSSP, 34, rue des Augustins, 4.000 Liege, Bélgica, fax + 32-41 223 847. Seminários do México e Conferência da China: contatar Bruno Remiche, IUSSP, mesmo endereço e fax.

Tikun Ha-lev

Encontro sobre Espiritualidade e Judaísmo

Com a presença de Reb Zalman Schachter Shalomi, este evento, como outros da mesma natureza já realizados, visa promover "uma renascença de um judaísmo mais vibrante e espiritualizado".

Como último representante do mundo chassídico mais ousado e transformador surgido no final do século XVIII, Reb Zalman propõe-se a cumprir a função de um *zeide* (um avô) arquetípico na passagem simbólica do bastão a uma nova geração. Trata-se de um evento de preparação para os desafios do mundo, incluindo aulas participativas, debates, entretenimento, socialização, passeios, danças, canto, oração e descanso.

Dias 7, 8, 9 e 10 de setembro

Para maiores informações solicite um folheto da CJB pelo telefone (021) 493.5735 (horário comercial).

CLARA ALTERMAN COLOTTO
ROBERTO ZIEMER

HISTÓRIAS QUE A HISTÓRIA NÃO CONTA

A psico-história, jovem ciência que estuda a motivação humana por trás dos eventos históricos, mostra que quanto mais se volta no tempo, mais cruéis são as relações dos adultos com as crianças. Entender os porquês desse comportamento é um assunto de extrema atualidade.



Lloyd deMause, um dos fundadores da psico-história, de uma associação internacional e um jornal que tratam dessa nova ciência, diretor do Instituto de Psico-história de New York e autor, entre outros, do livro *Foundations of Psychohistory*, começou a se interessar pela história da infância na década de 60. Ele esboçou uma teoria evolutiva segundo a qual as mudanças psicogênicas (isto é, relativas à origem e evolução das funções psíquicas) na personalidade, devidas a sucessivas gerações de diferentes tipos de interação pais-filhos, constituem a principal força propulsora de mudanças na História

Uma de suas referências iniciais foi Freud, sobretudo o livro *O Mal-Estar da Civilização*,

CLARA ALTERMAN COLOTTO é licenciada em filosofia, pós-graduada em psicologia da educação, tradutora e intérprete.

ROBERTO ZIEMER é mestre em psicologia social, consultor de empresas, conferencista nacional e internacional sobre transformação humana e organizacional.



que postula que, quanto mais se regride na história da humanidade, menor o grau de repressão da cultura sobre a natureza humana. Ou seja, para Freud, quanto menos “civilização”, mais espontaneidade e mais liberdade e prazer nos relacionamentos.

DeMause, entretanto, mostrou o contrário: no que diz respeito especificamente à infância, quanto mais se retrocede no tempo, mais aumentam os relatos de abuso sexual, espancamento, sacrifícios rituais, mutilações e abandono. Muitos séculos decorrem antes de sobrevirem mudanças significativas nos modos de cuidar das crianças.

Mudanças, no entanto, ocorrem lentamente. Em diversas regiões e níveis sócio-culturais, ainda se encontram exemplos de todos os modos de criar filhos no passado. Nas décadas de 70 e 80, sobretudo nos Estados Unidos, cada vez mais psicoterapeutas (especialmente os que utilizavam abordagens vivenciais), começaram a observar pacientes que recordavam, de forma espontânea, histórias pessoais de abuso físico, emocional e sexual. Nos Estados Unidos, estatísticas indicam que os casos de denúncia de violência sexual triplicaram desde 1980 com incidência de 300.000 casos por ano. Oficialmente, a cada ano mais de dois milhões de crianças sofrem algum tipo de violência. Estatísticas anteriores à década de 70 indicavam que uma em cada mil crianças havia sofrido algum tipo de trauma. Hoje, dados indicam que uma em cada duas crianças sofreu e ainda sofre algum tipo de abuso de natureza física, emocional e sexual.

Em vista dessas constatações, o estudo da infância na história não é importante apenas como fonte de dados para compreender a evolução das diversas culturas. Mais do que isso, é uma forma de compreender o estágio atual de relacionamento pais-filhos e adultos-crianças e como este relacionamento estabelece as bases para a manutenção do *status quo* social, político e econômico. Segundo deMause, existe uma estreita relação entre a evolução dos modos de cuidado infantil e o desenvolvimento de novas tecnologias e sistemas econômicos mais justos e estruturas sociais mais democráticas. DeMause estudou a questão de como cada geração de pais e filhos cria os temas que a seguir se expressam no nível coletivo, fundamentando-se na pesquisa de fontes que, desde a Antigüidade, desvendam os principais

estágios da educação infantil.

Infanticídio e desejos de morte estão presentes e explícitos em diversas culturas. Na Antigüidade, tanto no Oriente como no Ocidente, o infanticídio de crianças legítimas e ilegítimas praticava-se regularmente. Durante a Idade Média a eliminação de crianças legítimas foi diminuindo aos poucos, mas as ilegítimas continuaram a ser mortas até o século XIX – pode-se dizer que o infanticídio foi praticado em larga escala em toda a Europa até o século XVIII. DeMause cita William Buchan, grande pediatra do século XVIII, autor de duas obras: *Advice to mothers*, Filadélfia, 1804 e *Domestic medicine*, Filadélfia, 1809, segundo o qual pelo menos metade da espécie humana perecera na infância em virtude de negligência e cuidados inadequados.

Na Antigüidade aceitavam-se várias formas de infanticídio. As crianças eram atiradas em rios, jogadas com violência em pilhas de esterco e fossas, deixadas morrer à míngua e abandonadas em colinas e junto às estradas para serem devoradas por aves de rapina e animais selvagens. A criança considerada imperfeita, que chorasse muito ou pouco, quase sempre era condenada a morrer. Ao primeiro recém-nascido do casal em geral cabia melhor sorte: costumava-se permitir que sobrevivesse, sobretudo se fosse do sexo masculino. As meninas, pouco valorizadas, eram mais facilmente enjeitadas. Daí o predomínio do número de homens sobre o de mulheres que se nota desde a Antigüidade até a Idade Média (o extermínio das ilegítimas não afeta a proporção, uma vez que as de ambos os sexos eram mortas).

Na Grécia, matar crianças legítimas era corriqueiro, mesmo entre pais abastados. Até o século IV, nem a lei nem a opinião pública consideravam errado o infanticídio. Até os grandes filósofos concordavam com essa prática. Matar crianças deformadas, indesejadas ou do sexo feminino, tudo isso era permitido. O tema de crianças abandonadas em certos locais para morrer, que provavelmente vinha de tempos pré-históricos, está presente em mitos e tragédias gregas.

O sacrifício infantil foi praticado por celtas, irlandeses, escandinavos, egípcios, fenícios, moabitas, amonitas, cartagineses e, em determinados períodos, pelos israelitas. Escavações arqueológicas (que chegam, retrocedendo no tempo, até Jericó em 7.000 a.C.) revelaram ossos de crianças sacrificadas, com

inscrições que as identificavam com recém-nascidos de famílias nobres. Emparedear crianças em muros, fundações de edifícios e pontes para reforçar a estrutura era comum desde a época da construção do muro de Jericó até o ano 1843 na Alemanha.

Em Roma, sacrificar crianças constituía um rito mágico. O historiador Suetônio, que viveu entre os séculos I e II, menciona um decreto do senado pelo qual, devido a um presságio, nenhum recém-nascido do sexo masculino deveria sobreviver durante determinado ano. Um dos objetivos do infanticídio dos filhos dos inimigos, realizado de modo que os filhos de famílias nobres pudessem testemunhá-lo nas ruas, era fazê-los sentir a própria vulnerabilidade, na dependência do destino político dos próprios pais.

Depois de Augusto, a partir do século I, houve algumas tentativas de manter maior número de crianças vivas, mas mudanças significativas só ocorreram a partir do século IV. Só em 374 surgiu uma lei que considerava crime o infanticídio. Quanto à Igreja, sua oposição ao infanticídio baseava-se mais na salvação da alma dos pais que na vida das crianças: muitas crianças abandonadas, tanto meninas quanto meninos, acabavam em prostíbulos. Sobre os próprios cristãos pesava a suspeita de matarem bebês em ritos secretos.

Durante longos períodos históricos, enfim, não só não se fez segredo do infanticídio (há fartas evidências literárias referentes à Idade Média), como era comum exprimir o desejo de morte da criança. Seguindo Lutero, por exemplo, muitos pais declaravam: "Antes um filho morto que um filho desobediente". Em certo período, era freqüente na Europa jogar crianças enfaixadas de uma pessoa para outra. Um irmão do rei Henrique IV da Inglaterra morreu em uma dessas "brincadeiras", ao ser atirado de uma janela para outra.

Às vezes, as crianças eram quase congeladas devido ao costume de mergulhá-las longamente na água gelada ou fazê-las rolar na neve no batismo. Germanos, citas, celtas e espartanos (os atenienses possuíam outros métodos de enrijecimento) mergulhavam as crianças em rios gelados, hábito que os romanos também consideravam terapêutico.

RELAÇÕES ADULTO-CRIANÇA: PRINCÍPIOS PSICOLÓGICOS –

Em sua abordagem psico-histórica da infância e da sociedade, estudo ao qual dedicou grande parte da vida profissional, deMause aplicou o método psicanalítico às evidências históricas disponíveis. Sua teoria evolutiva implica diversas hipóteses, entre as quais:

– **SUCESSIVAS GERAÇÕES** de pais utilizam a relação com os filhos para elaborar situações e conflitos não resolvidos na própria infância.

– **A HISTÓRIA DA INFÂNCIA** representa uma contínua tentativa de aproximação psíquica entre adulto e criança. Cada aproximação ativa diferentes conteúdos do inconsciente que, por sua vez, geram novos tipos de ansiedade. A redução da ansiedade do adulto parece ser crucial na mudança das práticas de educação infantil em cada período histórico. Aceitando-se que exista melhora coletiva na qualidade dos cuidados dedicados à criança no decorrer da História, a contrapartida desta hipótese é que, quanto mais se retrocede no tempo, menos eficazes os pais se revelam em satisfazer as necessidades dos filhos.

– **MODOS ESPECÍFICOS** de cuidado infantil produzem experiências específicas na infância, as quais determinam as características culturais de cada época. Mudanças nesses modos acarretam o desenvolvimento de novas características culturais.

Segundo deMause, ao defrontar-se com as necessidades de uma criança, o adulto dispõe de três tipos de reação:

1. **REAÇÃO DE PROJEÇÃO.** O adulto projeta na criança os conteúdos de seu próprio inconsciente. É uma forma concreta e intrusiva de descarregar sentimentos ameaçadores em outros. Ao estudá-la é possível compreender as conseqüências da projeção dos sentimentos dos pais sobre os filhos.

2. **REAÇÃO DE REVERSÃO.** O adulto usa a criança como substituta de uma figura adulta importante em sua própria infância. Em outras palavras, as crianças são utilizadas para satisfazer determinadas necessidades e desejos, eminentemente narcisistas, dos pais. Quando a *criança-come-progenitor* falha em dar amor, é passível de ameaça ou violência por parte dos pais.

3. **REAÇÃO DE EMPATIA.** O adulto sabe colocar-se no lugar da criança, entendendo suas necessidades e agindo para satisfazê-las, sem qualquer outra motivação. Esta reação implica a capacidade de o adulto regredir de forma consciente ao nível das necessidades infantis, identificando-as corretamente, sem interferência de suas próprias projeções e necessidades.

Quando ocorrem simultaneamente, as reações de projeção e de reversão produzem o efeito denominado "imagem dupla". O adulto projeta na criança suas próprias hostilidades, desejos e fantasias sexuais e, ao mesmo tempo, a percebe como uma figura materna e paterna. Quanto mais se regride na História, mais se concretizam as reações de projeção e reversão, com as conseqüentes atitudes bizarras em relação à criança.

Ao projetar na criança aspectos psico-emocionais

que nega em si mesmo, o adulto a vê como egoísta, má, mentirosa, manipuladora etc. Pela reversão, o adulto vê a criança como capaz de lhe dar o amor que ele não experienciou.

A ausência de qualquer sentimento de culpa durante e após espancamentos de crianças pode ser atribuída às reações de projeção e reversão. A mãe que bate na filha de dois anos porque "ela é muito saidinha e dá bola para os homens", na verdade está espancando suas próprias projeções. De acordo com deMause, o pai que fratura o crânio do filho de meses dizendo que o menino "acha que é o dono de tudo e pensa que pode mandar em todo mundo" está reagindo em função da reversão. Um pai norte-americano, em 1830, afirma ter chicoteado o filho de quatro anos porque o menino não sabia ler. O menino é amarrado nu no porão, onde é castigado em presença da mãe e dos demais moradores da casa. O pai diz sofrer muito ao aplicar o castigo e afirma que o filho não tem pena *dele*. A seu ver quem merece piedade é ele, pai, que precisa aplicar o castigo. Isto explica por que os espancamentos eram tão comuns no passado. É fácil discernir a origem da ausência de culpa nas fontes históricas, uma vez que fica evidente a fusão psicológica entre quem espanca e quem é espancado.

Até acidentes reais são considerados injúrias aos pais. Em um caso relatado em que uma menina se queima gravemente ao cair no fogo, o pai considera o fato uma punição de seus próprios pecados.

O problema dos "acidentes" infantis, aliás, merece ser examinado em profundidade. No passado, as crianças eram deixadas sozinhas com freqüência. Conhece-se um caso ocorrido nos Estados Unidos no período colonial, na cidade de Boston, em que uma mãe põe os filhos na cama e sai com o pai para uma visita. Ao voltar, depois de muita procura, a caçula é encontrada afogada no porão. O pai atribui o acidente ao fato de ter trabalhado em dia sagrado.

Deixar crianças sozinhas era comum em todas as classes sociais até o início do século 20. O problema principal não era elas ficarem sozinhas e sim o fato de os pais não se preocuparem em prevenir acidentes por não se sentirem de maneira alguma culpados por eles. Explica-se: para os pais, eram seus aspectos negados e rejeitados que estavam sendo punidos.



REAÇÃO DE PROJEÇÃO – O uso da criança como "lata de lixo" para as projeções do adulto provém, entre outras fontes, da noção do pecado original. Durante mil e oitocentos anos os adultos concordaram com a idéia de que o recém-nascido

chegava ao mundo impregnado de pecado herdado dos pais através de suas partes pudendas.

A criança era tão sobrecarregada de projeções que, se chorasse muito ou solicitasse muitos cuidados, havia o risco de se chegar à conclusão de que havia sido trocada no berço por um ser estranho (um *changeling*). Considerava-se que crianças "possuídas pelo demônio" (o que acontecia com as muito choronas ou muito quietas) ou deformadas deviam ser mortas. Alguns padres declaravam que o simples fato de uma criança chorar representava pecado. *O Martelo das Bruxas*, de autoria de Sprenger e Krämer, uma espécie de bíblia de caça às bruxas publicado em 1487 na Alemanha [edição em português pela Ed. Rosa dos Tempos], ensina que é fácil reconhecer *changelings* pois, além de berrarem sem parar, mesmo bem amamentados eles nunca crescem. Lutero afirma que os *changelings* tiram as crianças do berço para deitarem em seu lugar e suas fezes e berros os tornam detestáveis. A mãe que os suporta com paciência é tida como santa.

A crença de que uma criança pudesse facilmente tornar-se um ser maligno explica o costume de enfaixá-la ou amarrá-la por um longo período. A justificativa era que assim se protegiam os membros para que não ficassem tortos ou deformados, impedindo-lhe que arrancasse os olhos ou tocasse os genitais. Em verdade, segundo deMause, enfaixavam-se as projeções perigosas e más dos pais.

Quando não era mais possível recorrer às faixas, outros métodos procuravam controlar as crianças, vistas como receptáculos das projeções sombrias dos pais. Essa é, por exemplo, a função de figuras fantasmagóricas usadas para assustar. A maioria dos povos antigos aterrorizavam as crianças com imagens de feiticeiras que durante a noite viriam raptá-las, devorá-las, retalhá-las, sugar-lhes o sangue e a medula. Na Idade Média, além de feiticeiras e demônios, inúmeros monstros e bichos-papões apavoravam as crianças. Depois da Reforma protestante, difundiu-se a crença de que Deus pendurava a criança sobre o abismo do inferno, como quem segura uma aranha ou outro

inseto repugnante sobre o fogo. Textos em linguagem infantil descreviam as torturas que Deus infligia às crianças no inferno.

Quando a religião deixou de ser o centro da campanha de terror, a partir dos séculos XVII e XVIII, passaram a ser usadas figuras mais profanas: o Barbazul, o Limpador de Chaminés, o Homem Barbu-do etc.

A necessidade de personificar figuras punitivas era tão forte que, para assustar as crianças, adultos vestiam-se a caráter e babás lhes contavam histórias sangrentas. Muitas vezes, os episódios tinham um real efeito funesto: o terror era tão intenso que podia levar à morte.

Há evidências históricas de que o recurso a figuras mascaradas para assustar era comum desde a Antigüidade. Aterrorizar crianças por meio de máscaras, pelo simples fato de gritarem, pedirem comida ou desejarem brincar mostra que o nível de projeção adulta alcançou proporções imensas, observadas atualmente apenas em adultos psicóticos. Até há pouco tempo era fácil encontrar na Alemanha, na véspera de Natal, cabos de vassoura amarrados de modo a formar uma escova rígida, usada para bater em crianças. Adultos vestiam roupas assustadoras para fingir-se mensageiros de Cristo chamados *Pelz-nickel*, que premiavam ou puniam as crianças avisando-lhes se mereciam presentes ou não.

A necessidade de aterrorizar também se concretizava no uso de cadáveres. Crianças eram levadas a locais onde se conservavam cadáveres putrefatos de enforcados, para que os observassem enquanto ouviam pregações de cunho moral. Classes inteiras de escolares iam assistir a enforcamentos e, ao voltar para casa, eram surradas para não esquecerem o que haviam visto.

DeMause relata o caso de uma menina que registrou em seu diário suas impressões ao ser levada por seu "bondoso pai" a um local onde se encontravam centenas de cadáveres desenterrados para dar lugar a outros. Ela sentiu vontade de gritar. O pai não se zangou mas aconselhou-a a dominar seus sentimentos e tocar alguns corpos. Eis uma situação que ilustra bem o "cuidado projetivo", em que o inconsciente do adulto se projeta na criança. Também a mãe que oferece o seio ao bebê ao menor sinal de desconforto, ou que prepara suas roupinhas com grande cuidado e a manda para a casa da ama-de-leite, ou a que passa uma hora enfaixando caprichosamente o filho constituem exemplos de "cuidado projetivo".

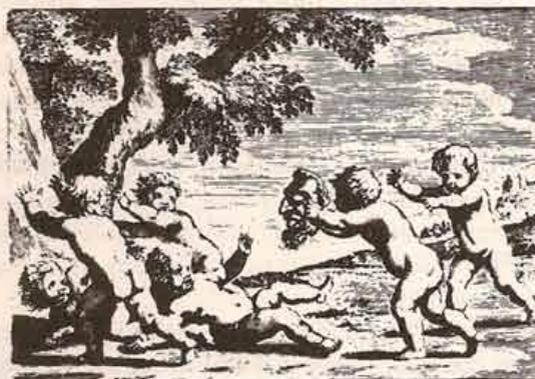
Centenas de gerações de mães enfaixaram os filhos e ficaram impassíveis ante seu choro e seus gritos de protesto. A primeira descrição conhecida denotando empatia ante os sofrimentos do bebê enfaixado

data do século XVIII, o que sugere que o uso começou a ser abandonado após dois mil anos.

Onde procurar essa empatia no passado? Não na Bíblia. Em cerca de duas mil referências a crianças encontram-se descrições de sacrifício, apedrejamento, surras, obediência irrestrita, amor devido aos pais e responsabilidade de carregar o nome paterno.

Tudo isso não significa que os pais não amassem os filhos. Eles amavam as crianças pouco exigentes, ou adormecidas. Ou mesmo mortas. É bem possível que se trate do mesmo amor dos pais atuais quando espancam os filhos.

Faltava aos pais, no passado, maturidade emocional para encarar a criança como uma pessoa distinta



deles próprios. Mesmo hoje, é difícil avaliar o grau de empatia dos pais. Ela só é possível quando são capazes de projetar imagens dos filhos como indivíduos separados de suas próprias necessidades projetadas.

REAÇÃO DE REVERSÃO – Neste tipo de reação, pais e filhos invertem os papéis. A reversão inicia-se muito antes de a criança nascer e sua origem está no desejo intenso de ter filhos e na idéia dos pais acerca daquilo que os filhos lhes podem dar. Por exemplo, quando Medéia, personagem de mito e tragédia gregos, se lamenta depois de matar os filhos, seu pesar se relaciona ao fato de que não restará ninguém para cuidar dela.

Segundo esta reação, a criança é encarada como mãe e pai dos próprios pais, abarcando-lhes os aspectos positivos e negativos, em total descompasso com sua idade real. Um exemplo disso era o hábito de vesti-la com roupas da geração anterior à dos pais – a menina, por exemplo, vestia-se como a avó. A idéia de que a avó renasce na criança era muito comum na Antigüidade. Os próprios termos para designar avó, como *baba*, *babe*, parecem-se com a palavra bebê.

Entre outras evidências da reversão concreta no passado algumas chegam a ser alucinatórias. Era

freqüente os adultos sugarem ou beijarem os mamilos das crianças. Segundo o memorialista da corte do pequeno Luis XIII, as pessoas que conviviam com ele beijavam seu pênis e mamilos. Embora os registros pretendam passar a impressão de que ele representava a parte ativa, fica evidente que ele é quem era manipulado. A "criança real" tentava resistir, mas os adultos não conseguiam manter mãos e lábios afastados de seus mamilos e pênis.

Beijar, sugar, apertar o seio das crianças são exemplos de seu uso como "seio materno". Outra prática conhecida era fazer a criança sugar os lábios de parentes mais velhos e doentes. A impressão que resta é que o filho perfeito seria aquele que daria de mamar ao progenitor. Plínio relata um exemplo de amor filial, descrevendo a moça plebéia que, visitando a mãe na prisão, dava-lhe de mamar. O fato, considerado exemplo de piedosa afeição, foi recompensado com a libertação da mãe e a concessão de meios de subsistência para ambas. O local em que o fato ocorreu foi consagrado a uma deusa e ali foi erigido um templo dedicado à afeição filial. Essa é uma história que se repete através dos tempos como exemplo de amor filial – Rubens, Vermeer e outros retrataram o tema em quadros.

Desde a Antigüidade as crianças tomavam concretamente conta dos pais. Entre os romanos, meninos e meninas serviam a mesa. Na Idade Média todas as crianças, exceto as da realeza, trabalhavam como criadas, em suas casas e nas dos outros. Durante muitos séculos, a partir dos quatro ou cinco anos de idade realizaram diversos tipos de trabalho até a mão-de-obra infantil ser encarada como problema social no século XIX.

A reação de reversão fica bem evidente na interação emocional criança-adulto quando, por exemplo, a criança, nos braços da mãe, lhe enxugava as lágrimas. A própria criança não chorava nem se mostrava irrequieta: seu papel era consolar a mãe.

A necessidade de os pais utilizarem o filho como figura adulta nutridora significava um fardo enorme para a criança em crescimento, acarretando até sua morte. Um exemplo é quando a mãe, alegando não querer separar-se do bebê, o deitava com ela na cama e acabava por sufocá-lo entre os seios durante o sono.

A alternância contínua entre projeção e reversão (a criança ora como demônio, ora como adulto) produz a imagem dupla, responsável em grande parte pelas características bizarras da infância no passado.

Um exemplo de imagem dupla encontra-se na circuncisão. É bem conhecido o fato de judeus, egípcios e árabes circuncidarem o prepúcio dos meninos.

Apesar das múltiplas razões alegadas para a prática, todas podem ser explicadas pela imagem dupla de projeção e reversão.

As mutilações de crianças sempre envolvem projeção e punição, e servem para controlar as paixões projetadas pelos adultos. Assim, a circuncisão seria uma forma de refrear a mais forte das paixões (a relação sexual) mutilando o instrumento dessa paixão. A reação de reversão, neste caso, pode estar relacionada com a glândula que faz as vezes de mamilo. Todas as formas de mutilação do clitóris, ainda praticadas em vários países africanos e asiáticos, também podem ser explicadas nesses termos.

A Visão Psicogênica – Ao estudar, do ponto de vista psicogênico, a evolução dos modos de educação infantil, é possível chegar a uma nova compreensão de comportamentos destrutivos, individuais e coletivos, até hoje insuficientemente tratados sob a perspectiva das ciências sociais. Este estudo busca explicar por que se perpetuam entre pais e filhos relacionamentos destrutivos que incluem formas de violência física, emocional e sexual, e por que tal relacionamento se mantém entre educadores e educandos. Identifica, também, a origem de formas de violência coletiva que levam, por exemplo, ao ódio racial e religioso e à competição econômica suicida.

Ampliando a compreensão da violência, no nível preventivo, a visão psicogênica faz com que pais e educadores se conscientizem de experiências traumáticas passadas e evitem repeti-las nos relacionamentos afetivos, familiares e profissionais. Em nível coletivo, permite identificar fantasias e padrões coletivos no discurso da mídia e na retórica de líderes políticos e religiosos, que antecipam e apontam para confrontos e violências de massa. No nível terapêutico, enfatiza a necessidade de reconhecer o trauma físico, emocional e sexual. Esse reconhecimento é fundamental para tratamento de distúrbios psico-emocionais. A reelaboração e transformação completa dessas experiências destrutivas só é possível através de abordagens terapêuticas experienciais envolvendo trabalho profundo, não apenas na dimensão cognitiva, mas sobretudo na dimensão somático-emocional.

Baseado na obra *Foundations of Psychohistory*, especialmente o capítulo "Evolution of Childhood", Lloyd deMause, Creative Roots, N.York, 1982.

MODOS DE RELAÇÃO ENTRE PAIS E FILHOS

A evolução psicogênica ocorre de diferentes formas, através de diversas gerações familiares. DeMause apresenta a seguinte padronização dos modos de educação infantil:

1. MODO INFANTICIDA (DA ANTIGÜIDADE ATÉ O SÉCULO IV)

Sacrifício infantil e infanticídio, criança como seio-pênis, intolerância frente à raiva infantil, "enrijecimento", fantasmas e mágica, venda e sodomia de crianças.

Este modo é reconhecido de forma exemplar no mito de Medéia, que para deMause é mais um retrato da realidade da época do que um mito. Nesse período, os pais resolviam suas ansiedades a respeito de como cuidar dos filhos simplesmente matando-os. Os que sobreviviam carregavam uma enorme dose de agressividade, frustração e medo, que por sua vez eram descarregados nos próprios filhos.

(Mãe: "Eu desejaria que você morresse, para me libertar do medo de ser morta pela minha mãe".)

2. MODO DE ABANDONO (DO SÉCULO IV ATÉ O SÉCULO XIII)

Enfaixamento prolongado, educação fora de casa (mosteiro, aprendizado de ofícios).

A partir deste modo, os pais começam a reconhecer que a criança tem uma alma. Contudo, como o nível de projeção destrutiva ainda era enorme – a criança era vista como maléfica – a tendência é abandonar os filhos. O mito deste período é o de Griselda que, para provar seu amor ao marido, abandona os próprios filhos.

(Mãe: "Preciso abandonar você para escapar das necessidades que projeto em você".)

3. MODO AMBIVALENTE (SÉCULO XIV AO SÉCULO XVII)

Enemas, surras desde o nascimento, períodos menores de enfaixamento, a criança como objeto sexual, começo da empatia.

A criança começa a fazer parte da vida emocional dos adultos. Mas, como ainda existe alto nível de projeção negativa por parte dos pais, precisa ser "moldada" como cera, barro ou argamassa, segundo as necessidades dos pais. É o período do surgimento dos primeiros manuais sobre como educar crianças.

(Mãe: "Você é má devido às minhas projeções eróticas e agressivas".)

4. MODO INTRUSIVO (SÉCULO XVIII)

Treinamento higiênico prematuro, repressão da sexualidade, fim do enfaixamento e do aleitamento pela amade-leite, possibilidade de empatia, começo da pediatria.

Neste século quase não se observa mais a reação de reversão e o nível de projeção diminui sensivelmente, gerando grande aumento populacional. É o período de treinamento rigoroso de higiene e punição por contato sexual com o próprio corpo. Os castigos físicos diminuem, mas são substituídos por culpa e medo.

(Mãe: "Você terá meu amor quando eu controlar você por completo".)

5. MODO SOCIALIZADOR (SÉCULO XIX ATÉ METADE DO SÉCULO XX)

Uso da culpa, "disciplina mental", humilhação, início da escolarização obrigatória, transferência dos desejos inconscientes dos pais.

Diminuem as projeções e a preocupação de "subjugar a vontade da criança" em detrimento de um treino visando adaptação às regras sociais. É o modelo utilizado atualmente, baseado no "direcionamento dos impulsos" freudiano e no behaviorismo de Skinner. É também o primeiro momento na história em que o pai começa a participar da educação dos filhos.

(Mãe e pai: "Nós amaremos você quando tiver atingido nossos objetivos".)

6. MODO DE AJUDA (A PARTIR DA SEGUNDA METADE DO SÉCULO XX)

Direitos da criança, "des-educação", escolas livres, terapia infantil, nascimento sem violência.

Envolve o reconhecimento de que a criança conhece melhor do que os pais as próprias necessidades em cada estágio de vida. Os pais empatizam com os filhos e atendem a suas necessidades. Esse modo envolve grande investimento de tempo e energia. As informações disponíveis sobre esse modo de educação mostram que as crianças não imitam modelos, não são dominadas por crenças de grupo, não se intimidam com a autoridade.

(Mãe e pai: "Nós amamos você e vamos ajudá-la a atingir seus objetivos".)

SESSÕES DE CURA E SABEDORIA

Ao acompanhar como tradutor as sessões de cura de JAMPA RIMPOCHÊ em sua estadia em São Paulo no primeiro semestre de 1995, o psicoterapeuta Arnaldo Bassoli Jr. recolheu e resumiu ensinamentos que aqui compartilha com o leitor.



Quando cheguei às sessões de cura que deveria traduzir (seriam cerca de dez ao todo), fui recebido por Jampa Rimpochê com um sorriso claro e espontâneo. Nesse homem grande e forte, de uns cinquenta anos de idade, cabelo um tanto grisalho e bem grosso e saúde aparentemente perfeita, o que mais me chamou a atenção foi a calma e tranquilidade com que estava ali, sentado sobre sua almofada, com os apetrechos rituais. O olhar, muito suave, tinha no fundo uma firmeza absoluta e transmitia profunda bondade.

De início um pouco nervoso com o trabalho que faria ali, logo fui relaxando ao notar que tudo transcorria com leveza, muita calma, reverência e discreto bom-humor.

ARNALDO OMAIR BASSOLI JÚNIOR é psicoterapeuta e tradutor. Trabalha com indivíduos, grupos e organizações.

O monge tradutor, que verteria do tibetano para o inglês, bem mais jovem que o lama, cabeça totalmente raspada e olhar vivo, ora tinha ar juvenil, ora parecia um sábio escolástico, compenetrado conhecedor dos grandes textos sagrados. Sempre tenho a impressão de ver, nos lamas tibetanos, o adulto convivendo de modo harmonioso com a criança. Mas sinto algo ainda mais especial, embora não saiba descrevê-lo com precisão. O melhor que posso dizer é que, de repente, o vazio fica pleno de significado. O silêncio é sem angústia, o tempo transcorre sereno, em geral mais devagar, e as sensações corporais se tornam mais presentes. A atenção é mais plena. Se há tensão no corpo, sei instintivamente como relaxá-la. Encontro uma espécie de ponto médio, o centro do círculo, que faz com que tudo fique mais conectado com tudo; percebo quando falo alto demais, que tipo de emoção está sendo transmitida pela minha voz, ou se o olhar de uma pessoa diz isto ou aquilo. Tudo é muito sério e muito leve; solene e brincalhão.

Entra o primeiro grupo. Traduzir assim é fácil: é como penetrar em uma espécie de túnel em que nada tem muito peso ou austeridade e as palavras fluem claras, límpidas, sem que tenha de escolhê-las. O sentido do que está sendo dito é transparente e as palavras para expressá-lo vêm sem esforço. Não é necessário traduzir ao pé da letra. Entendo o sentido e consigo expressá-lo livremente em nosso idioma, com os termos mais adequados. Tudo é simples. As sessões, de uma hora de duração, obedecem a uma seqüência. De início, Rimpochê cede a palavra aos participantes. Com uma ou duas frases, tenho a impressão de que, antes mesmo da tradução, ele já formou uma idéia bastante precisa do que acontece com a pessoa.

Depois de ouvir todos os que quiserem falar, Rimpochê escolhe um ritual para a cura daquele grupo e explica que se devem fazer certas visualizações. Fala baixinho, quase sussurrando, com reverência. Sua atenção ao que lhe dizem ou perguntam é absoluta. Os outros, por sua vez, parecem absorvidos por sua presença. Depois das instruções, dá os ensinamentos – diferentes a cada sessão, dirigidos a cada grupo em



particular – de improviso. Às vezes consulta o oráculo, uma caixinha onde repetidamente lança três dados, para saber o prognóstico da doença ou situação de alguém. Cada palavra é escolhida para determinada pessoa, sem que ela tenha de fazer qualquer colocação explícita sobre seus problemas.

Por fim, Jampa Rimpochê conduz o ritual, com orações e repetição de mantras. Sua voz tem efeito muito profundo sobre o corpo e os sentimentos: comunica por todas as vias da percepção certo ritmo em que os bloqueios – mentais, emocionais, físicos – são dissolvidos. Quando a sessão termina, há uma alegria serena contagiando a todos e uma profunda sensação de gratidão.

Não vejo em Jampa Rimpochê nenhum sinal de cansaço, enfado, agitação, irritação. Não vejo charme nem desejo de agradar ou causar impressão. Nele estão ausentes quaisquer intenções agressivas ou desconsideração a quem quer que seja. Percebe-se profunda humildade no modo como se dedica a escutar as palavras a ele dirigidas numa língua que lhe é desconhecida. O monge tradutor mostra extrema reverência e traduz para o tibetano em voz calma e baixa. Atentos ao que acontece no grupo, os dois não precisam olhar um para o outro enquanto conversam. Durante o ritual, o tradutor se retira. Quando Jampa Rimpochê termina, está tomado por uma alegria imensa; sorri quase como criança e dá aos participantes um cordão de proteção contra influências negativas, fazendo questão de despedir-se de cada um com um aperto de mão.

Assim foram as sessões que traduzi. É desnecessário dizer o quanto me sinto grato pela oportunidade de estar próximo desses monges. Recolhi algo dos ensinamentos transmitidos, que com muita alegria compartilho com o leitor, esperando que a simplicidade



com que foram formulados lhe seja tão inspiradora quanto foi para mim. Procurei eliminar repetições, mas isso não foi totalmente possível devido à forma como os ensinamentos foram transmitidos – um pouco para cada grupo.

ENSINAMENTOS DO BUDISMO TIBETANO – Os rituais de cura lidam diretamente com interferências e negatividades mais imediatas. Outros problemas, mais enraizados, necessitam de hábitos mentais de introspecção e questionamento para ser transformados. Vários ensinamentos conduzem a essa reflexão:

As raízes mais profundas de nosso sofrimento físico começam em nossa mente. Sabemos, por exemplo, que um estado mental muito negativo, como uma depressão acentuada, pode levar a doenças físicas. Mas o inverso também é verdadeiro: estados mentais positivos – aqueles que envolvem emoções como amor, compaixão, e o ser está em equilíbrio – levam a um alinhamento do corpo, curando e prevenindo doenças físicas. Assim, podemos usar a mente para ajudar na cura do ser como um todo, inclusive de suas doenças manifestadas no corpo físico. As visualizações durante os rituais são maneiras de fazer participar do processo de cura as faculdades criativas da mente através da imaginação.

O budismo aponta como raiz dos problemas a ignorância. Quando ela nos atinge, *passamos a ver o mundo através dela e toda nossa experiência acontece sob esse véu; nossa mente é dirigida por ela*. Desse modo, geram-se emoções carregadas de negatividade. Precisamos desenvolver a sabedoria. O método para isto é cultivar emoções e estados mentais positivos, bem como o desapego. Com isso, ficamos mais próximos daquilo que realmente somos e, portanto, daquilo que a tradição judaico-cristã denomina de "casa do Pai".

Uma contemplação é particularmente eficaz para tratar da depressão. Sente-se de frente para o sol poente – mais fácil de se olhar – e mantenha a coluna ereta, mas sem rigidez. Inspire com lentidão e depois solte o ar pronunciando o mantra *Ab*. Outra maneira de trazer alívio imediato para a depressão é sair para caminhar um pouco, respirando ar fresco. Mas para atuar sobre a depressão a longo prazo o melhor é lidar com o egocentrismo, trabalhando a própria mente, buscando libertar-se do hábito de dar excessiva atenção a si mesmo – o que, na verdade, sequer é o que verdadeiramente somos, mas apenas uma imagem fabricada de nós mesmos.

Precisamos desenvolver a capacidade de estar em determinada situação e, *ao mesmo tempo*, observarnos dentro dela. Conseguindo isso, podemos refletir sobre o que está acontecendo e portanto escolher se continuamos a agir como estávamos agindo ou se mudamos.

O sentido da vida é ajudar os outros. Você só deve manter sua linha de conduta se, com seu corpo, fala e/ou sua mente, estiver causando aos outros benefícios a *curto, médio e longo prazo*. Sabendo observar-se é fácil escolher.

Fazer bem aos outros é, em si, a maior proteção que podemos ter contra o mal dos outros. Há um tipo de prática espiritual em que estabelecemos com os outros e com o mundo uma interação que se chama dar-e-receber: damos toda nossa felicidade, alegria, disposição, ajuda e tomamos para nós todo o sofrimento. *Esse sofrimento não nos faz nenhum mal. O que faz mal é o medo de que o sofrimento faça mal. Não*

estamos aqui por outra razão senão estabelecer esse tipo de troca com o mundo e com os outros.

No "relacionamento do dar-e-receber" fazemos de nosso sofrimento individual o símbolo do sofrimento do mundo; assumimos a responsabilidade total por ele, desejando que não atinja mais ninguém, morrendo conosco. Isso, somado ao quase desinteresse por nossas dores, sofrimentos e penas – em favor de uma atitude mais altruísta – faz com que o sofrimento se transforme no solo onde crescem a compaixão, o amor e os verdadeiros valores fraternos.

Sempre pensamos que somos muito importantes e precisamos dar-nos a máxima atenção. Mais ainda, cremos que somos uma espécie de eu independente dos outros. Isso não é verdade; ao contrário, somos dependentes dos outros e do meio ambiente para as mínimas coisas da vida. Há uma *interdependência* entre todos os seres. Nada existe isoladamente.

É um erro de concepção apegar-se a uma "essência" em nosso eu, julgando que somos assim ou assado. Sempre nos enganamos, acreditando que existem "amigos" e "inimigos", coisas boas e ruins. *Não há nada intrinsecamente essencial em nós ou na realidade.*

A verdadeira raiz de todos os venenos mentais, de todas as emoções e estados mentais negativos, é o hábito sutil de superpor à realidade uma essência que não está, na verdade, nem lá nem em lugar ou coisa nenhuma. Precisamos aprender a ver tudo como processo, como resultado de causas e condições. Não há nenhuma essência estática que faça de algo uma coisa boa ou má. Tudo é parte de tudo e é processo, em constante mudança. Trabalhando assim nossa mente dissolvemos sua rigidez, causa de doença mental e psíquica, e recuperamos a flexibilidade, que é saúde. Temos a mente "enferrujada". Como atletas, precisamos ir fazendo, devagarinho, exercícios mentais para recuperar a flexibilidade.

Não importa quão enraizadas pareçam nossas emoções e negatividades; se trabalharmos de modo adequado com elas, podemos vir a conhecer a verdadeira natureza de nossa mente. Negatividades são como manchas na roupa; usando o detergente adequado, elas saem e a pureza se recompõe. No caso da mente,



Jampa Rimpochê no centro, com o Drepung Loseling Monks, durante a turnê mundial de 1994-95

o que limpa a negatividade é cultivar qualidades positivas e mérito, junto com a contemplação sobre a inexistência do eu como entidade separada. O eu, como tudo mais, em nível profundo, é vazio. Meditar assim conduz à completa liberdade.

Um dos fatores mais importantes que causam desequilíbrio energético e espiritual é o hábito de apontar para os outros, culpando-os por tudo. Esse hábito faz parte daquele erro conceitual de ver algo intrinsecamente mau (ou bom) na realidade, superpondo uma essência intrínseca *inexistente* aos fatos. Além disso, ao considerarmos uma pessoa responsável por algo, deixamos de ver nossa participação nesse evento. Mesmo quando deparamos com alguém fazendo algo flagrantemente ruim, devemos tomar isso como desafio à nossa compaixão.

Podemos meditar considerando que todas as coisas existem em dois níveis: o convencional, em que há pessoas, carros, lugares, sofrimento, todas as coisas do mundo material, enfim, e outro nível, mais profundo, em que *nada existe: tudo é vazio de essência ou identidade intrínseca*. Esse ensinamento é o mais profundo que se pode obter no budismo tibetano, o mais profundo de todos os conhecimentos do homem em qualquer época. Custa-nos aceitar e mesmo entender estas categorias de ensinamentos. Mas, insistindo



sempre em aprofundar nossa compreensão, podemos caminhar no sentido de conseguir uma realização através dessa maneira mais flexível de estar no mundo, que é a melhor proteção para todo tipo de negatividade, interna ou externa.

Todos somos iguais: queremos a felicidade, não queremos sofrer ou ser infelizes. No entanto, com o corpo, a fala e a mente, não cessamos de trazer problemas para nós mesmos e para os outros. Na base disto está uma atitude egocêntrica que faz com que limitemos nosso espaço físico e mental. Achando que sabemos quem somos ou a que viemos ou o que é “bom” ou “mau” para nós, tornamo-nos frágeis e mais sensíveis a provocações. Passamos a endurecer nossas crenças, em vez de questioná-las; perdemos a flexibilidade e reagimos em cadeia a qualquer estímulo negativo, respondendo com desequilíbrio ao desequilíbrio, com emocionalidade negativa à emocionalidade negativa.

A motivação de ajudar os outros é a mais pura que há e nos deixa repletos de energia. É preciso ser bem claro a esse respeito: *não existe nenhuma outra motivação mais elevada*. Ao começar o dia, estabeleça sua motivação de beneficiar todos os seres, sem distinção, e seja forte nisso. Mantendo-se assim, tudo fica mais fácil e a vida transborda de sentido nas mínimas coisas que se façam.

Falar é fácil. Quando chega a hora de fazer, precisamos de muita força de vontade para mudar hábitos arraigados. É preciso fortalecer a força de vontade. Ao acordar, estabelecemos a motivação de ficar firmes em nossas convicções de não-violência e positividade quando surgirem os obstáculos do dia. Assim, passo a passo, fazendo isso sempre, teremos muito mais força, como um atleta que se exercita e ganha coordenação e poder sobre si: aos poucos, mas seguramente.

Com a mente poluída por emoções e estados negativos, acontece mais ou menos o mesmo que com o sistema imunológico do corpo quando estamos muito doentes: a fraqueza traz falta de proteção contra negatividades, processos sutis que tiram o sentido da vida. O modo de recuperar a força é conseguir mais mérito espiritual. Para isso, precisamos cultivar qualidades positivas.

Um ensinamento mais completo para acumular mérito espiritual é a prática das “Seis Perfeições” ou Seis Paramitas: Generosidade, Paciência, Moralidade, Esforço diligente e alegre, Concentração e, finalmente, Sabedoria. Cada uma delas pode ser exercida de muitas maneiras, com o corpo, a fala e a mente. Outro modo de gerar mérito, usando o corpo, é fazer prostrações. A prostração é uma postura de respeito ao outro, ao mundo, ao momento presente. Outro modo, ainda, é fazer oferendas de mandalas.

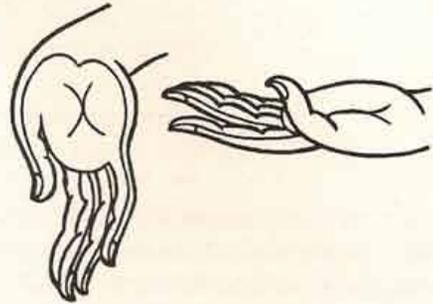
Não são as ações em si que conduzem ao mérito, mas a motivação com que essas ações são praticadas. O mérito, assim, depende da visão com que você o pratica. Pode-se saciar a necessidade imediata que alguém tem de água, alimento, afeto. Isso gera mérito, mas ele se esgota logo. No entanto, se ao dar você pensar em ajudar não somente aquele que está ali necessitado mas todos os que estão na mesma condição, ou desejar fazer cessar não aquele sofrimento presente, mas todo e qualquer sofrimento daquele ser e de todos os seres, cria-se um mérito que não se extingue.

Um modo muito “baratinho” de obter mérito é *regozijar-se* com os conseguimentos – *os nossos e os dos outros*. Quando você se regozija com o mérito ou o conseguimento do outro, ele passa a ser também seu!

Um bom fluxo de energia espiritual é a maior proteção que podemos ter contra qualquer negatividade, externa ou interna. Por outro lado, quando estamos em desequilíbrio, entramos num redemoinho que nos leva mais e mais em direção ao sofrimento. Sentindo-nos mal, cercamo-nos ainda mais de pensamentos negativos, que tornam mais difícil dar a volta por cima e recompor a motivação. É preciso cuidar da energia espiritual e fazer bom uso dela – acumulá-la, multiplicá-la, distribuí-la.

Doenças, mentais ou físicas, resultam de vários fatores: 1. Desbalanceamento dos elementos causado por ações anteriores, nesta ou em outras vidas, ou por influências negativas a que ficamos sujeitos por falta de cuidado com a energia espiritual. Rituais de purificação neutralizam essas influências e reequilibram as energias do corpo. 2. Problemas da mente, mais enraizados: hábitos mentais condicionados por emoções negativas como ódio, raiva, avidez, ciúme, orgulho etc. São emoções que afligem todos os seres, em diferentes graus, e hábitos que podem arruinar a vida. Para vencê-los, é necessário algum tipo de exercício mental regular que envolva auto-avaliação e introspecção. 3. Perturbação, gerada por ansiedade, medo e preocupação. Em certos casos, pode causar perda de memória. A agitação mental faz com que, por assim dizer, toquemos com nossa mente muito mais coisas do que aquelas com que podemos de fato lidar – a não ser que a treinemos. Aceitamos fazer muito mais do que podemos e disso resultam stress e depressão. Nessas circunstâncias, temos duas alternativas: desejar menos, envolvendo-nos com menos coisas, ou treinar a mente para, relaxadamente, poder lidar com mais situações; isto é, aprender a concentrar-nos.

Pela meditação, há muitas formas de melhorar a concentração de imediato. Meditar não quer dizer ficar pensando em coisas muito esotéricas ou profundas. Podemos, por exemplo, mudar o foco da mente para uma imagem mental positiva, como a lembrança de um lugar bonito e agradável, um cenário natural, ou uma situação em que nos sentimos realizados e felizes e, em seguida, integrar essa qualidade de memória à situação atual, relaxando a mente. Podemos também pensar algo que exija concentração. Imagine, por exemplo, que você está atravessando um desfiladeiro muito profundo, por uma ponte de cordas, daquelas que dão passagem a uma só pessoa. Se ficar ansioso e se deixar levar pelo medo, olhando para baixo, avaliando o tamanho da queda, com certeza piorará muito as coisas... É preciso focalizar a mente com firmeza apenas nos aspectos que interessam – no caso, olhando apenas para o caminho a seguir, esquecendo o medo.



Modéstia e simplicidade são importantes para a energia e o caminho espiritual: quando temos menos necessidades ou nos importamos menos com elas, nos abrimos mais para os outros, sentimos menos raiva relacionada com nossas frustrações – que afinal cessam por completo. Assim, mais leves, podemos ser mais úteis a todos. Com a mente mais feliz, teremos um corpo muito mais feliz.

A raiva é assim: mesmo quando deixamos que só um pouco tome conta de nós, aonde quer que nos dirijamos ela adere à raiva dos outros, fazendo-a vir à tona.

É essencial, neste momento da humanidade, aprender a não adquirir ou comprar mais do que aquilo de que se necessita. Modéstia e simplicidade são fundamentais e, mais uma vez, servem de proteção – acumular mais que o necessário traz um desequilíbrio que certamente levará a problemas mentais e, em consequência, físicos.

É necessário aprender a lidar com o hábito mental da dúvida. Estamos sempre em dúvida, inseguros sobre o que ou como fazer algo; incertos sobre se o que fazemos é o melhor, e isso se transfere para a sociedade, a família, o trabalho. É preciso deixar claro que *a dúvida não é a mente real*; o estado mental de dúvida não corresponde em nada à verdadeira natureza de cada um de nós, como seres humanos ou como indivíduos. Trabalhar com a mente cheia de dúvidas é como costurar com uma agulha de duas pontas; a mente não foi feita para trabalhar assim. Insegurança e dúvidas constantes são um estado mental parecido com um sortilégio, um encantamento, em que funcionamos com baixo nível de energia, e as verdadeiras qualidades da mente de cada um – que são como um cavalo galopando ao vento, cheio de força e energia – não podem se manifestar. Para



recuperar essa condição, basta cultivar o estado mental oposto: a positividade. Uma mente positiva é protegida contra qualquer tipo de negatividade.

Temos a tendência a agir de modo supersticioso. Não no sentido que habitualmente se dá à palavra superstição (acreditar em influências externas, sortilégios ou coisas do gênero), mas de partirmos para o mundo e para as coisas com idéias preconcebidas. Sem entender com clareza o mundo e a nós mesmos, assumimos como verdade coisas sobre as quais não temos verdadeiramente nenhuma experiência. É preciso verificar a própria mente com o coração aberto e a mente clara. Ajuda muito começar com essa abertura do coração; com ela, temos mais possibilidade de entrar em contato com a verdadeira realidade.

Há diferentes maneiras de lidar com problemas da mente que podem se manifestar através de doenças físicas. Pensando de modo mais imediato, podemos mudar o foco da mente, desviando-o do problema atual. Pensando mais a médio ou longo prazo, podemos confrontar-nos com as *causas* do problema e depois deixar a mente relaxar no estado de "não-causa". De modo ainda mais profundo, necessitamos lidar com nosso excessivo autocentrismo, nosso egocentrismo, nossa tendência a levar demais em conta nosso próprio sofrimento.

Olhando a mesma questão de um ângulo diferente, há ainda outras possibilidades. Podemos preocupar-nos com nosso sofrimento, tomando medidas para abrandá-lo, ou podemos usar um método mais elevado, chamado Tom-Len. Não é um método obrigatório, e deve ser escolhido somente quando sentirmos que é possível e desejável agüentarmos o processo que implica – há diferentes disposições nos seres humanos, e para alguns este modo pode ser difícil. Trata-se de usar as circunstâncias de sofrimento e dor *como meio de refletir sobre o fato de que o sofrimento é onipresente e todos os seres humanos – nós entre eles, e apenas isso – sofreremos na condição em que vivemos e precisamos de ajuda*. Ênfase maior deve ser posta nos outros e na necessidade que têm de ajuda. Nesse modo de meditar, o sofrimento é como o adubo que faz crescer um forte e sincero interesse pelos outros e por

ajudá-los. Fazemos de nosso próprio sofrimento um modo de nos sensibilizarmos para gerar ajuda. Em seguida, dispomo-nos a dar toda alegria, leveza, amor, graça, compaixão.

Tom-Len consiste na atitude de, em vez de preocupar-se com a doença ou o sofrimento, usá-los para gerar genuíno interesse pelos outros. O excesso de preocupação consigo mesmo diminui e, junto com ele, diminui o desequilíbrio que causa. A longo prazo, o sofrimento com motivação de ajudar os outros transforma-se em adubo para o crescimento interior e a iluminação.

Para o processo de Tom-Len, duas reflexões são importantes: a. Todos querem a felicidade e não querem a infelicidade; todos fazemos parte do mundo ilusório em que impera o sofrimento. Sempre nos iludimos pensando que nosso sofrimento é mais importante ou deve ser atendido primeiro que o dos outros. É preciso ter muito clara essa noção de equanimidade; b. Os outros são muito importantes para nós, mesmo quando não nos damos conta. Todas as reais oportunidades de crescimento nos foram oferecidas pelos relacionamentos com os outros e com o meio. E, mais ainda, é falsa a idéia de que temos um eu independente, dotado de qualquer essência intrínseca. Pensar sobre isso nos traz mais respeito para com os outros e mais senso de comunhão com eles e fortalece nossa prática e meditação.

Refletir sobre os dois aspectos mencionados tem diversas conseqüências importantes. Primeiro, aumenta nossas qualidades positivas, levando-nos mais perto da sabedoria. Segundo, leva à queima de resíduos cárnicos de negatividades criadas por ações, pensamentos e palavras, que são muitas vezes as raízes de nossas doenças físicas. Finalmente, conduz ao aumento do mérito espiritual e da capacidade de ajudar os outros, através de melhor percepção da realidade e ação mais fluente e desimpedida. ▲

J.C. ISMAEL

ANAÏS NIN: EM BUSCA DA PLENITUDE

Uma escritora a cujo talento as obras traduzidas no Brasil não fazem jus. Uma verdadeira feminista, empenhada em compreender a experiência do sagrado na entrega dos amantes.

As editoras brasileiras que incluíram Anaïs Nin em seus catálogos têm sido infelizes na escolha dos títulos, garimpados entre os menos importantes que ela deixou. Uma injustiça, porque essa escritora cosmopolita, nascida em 21 de fevereiro de 1902 num barco ancorado em Neully-sur-Seine, tem uma dimensão maior, facilmente atestada em muitos títulos (ver quadro). Seu pai, Joaquim Nin, com quem tinha uma relação emocional e intelectualmente incestuosa, compositor e pianista espanhol, compensava o curto talento com uma sedutora mistura de temperamento expansivo e olímpico distanciamento dos mortais. Anaïs mal deixara de engatinhar e ele a leva nas turnês pelo mundo, enquanto a mãe fica em Paris batalhando para brilhar na vida artística. Mas a cantora de seguidilha Rosa Nin Cullmenn, longínqua

descendente de improváveis nobres dinamarqueses, só conseguiu se orgulhar de ter vagamente inspirado uma personagem do tonitruante Gabrielle D'Annunzio.

Em 1914 os pais se separam e Anaïs vai com a mãe para Nova York. Durante a viagem de navio começa a escrever seus *Diários*, produção ciclópica de 15 mil páginas que lhe valeu o apelido de colecionadora de pessoas, tantas e tão variadas são as personalidades que freqüentam os sete volumes e que Henry Miller, com seu peculiar exagero, comparou com as revelações de Santo Agostinho, Petrônio e Abelardo. No início da década de 20, vamos encontrar Anaïs, baixinha e magérrima, ganhando a vida como bailarina espanhola escondida sob o pseudônimo de Anita Aguilera. A primeira e poderosa influência literária recebida foi de D.H. Lawrence,

J.C. ISMAEL é jornalista e autor, entre outras obras, de *Thomas Merton, o Apóstolo da Compaixão*.

sobre quem escreve um ensaio (o primeiro de sua carreira), dando-lhe o ambíguo título de *Estudo não-profissional*. Longe de sugerir falta de qualificação para escrever sobre Lawrence, Anaís pretendeu captar o perfil do homem, do moralista que escandalizava a Inglaterra com o elogio rousseauiano da volta à natureza e com o teorema da purificação espiritual, cuja tese passava necessariamente pela purificação da carne.

Quem conhece um pouco de Lawrence, e outro tanto do que Anaís escreveu de melhor, não tem dificuldade em apontar o grau de intensidade da influência do grande escritor inglês. Seus personagens, como os do autor de *Filhos e Amantes*, opõem resistência lírica, mas nem por isso tímida, à brutalidade dos jogos do cotidiano, aos lances patéticos que as pessoas fazem apenas para sobreviver. Mas é na busca daquela ascese, que passa necessariamente pela prática do sexo sem peias e mistificações, que os dois escritores se encontram. Para Anaís, a vida espiritual sem a complementação de uma vida sexual plena é um distúrbio tão sério como a prática desta sem o mergulho na experiência do sagrado: a entrega dos amantes é a tradução sensorial do conhecimento que o místico tem de Deus, algo de difícil, quase impossível dicção. Neste mesmo território do indizível os personagens de Anaís e Lawrence procuram, sem encontrar, palavras que traduzam seu êxtase.

Paris, início dos anos 30. A geração perdida de Hemingway & Cia. estava fora de moda. Perdera o mundo e fora obrigada a deixar o lugar para outra, a que iria se perder no mundo. Henry Miller, Lawrence Durrell e Antonin Artaud ensinam os segredos dessa viagem e logo ganham uma dedicada companhia: Anaís Nin. Casada com o banqueiro Hugh Giller, é anfitriã de reuniões que freqüentemente a aborrecem, mas numa delas, pouco antes do Natal de 1931, conhece Henry Miller. Tem início um relacionamento que, se se quiser definir com uma imagem, a mais próxima é a de uma tempestade elétrica seguida por um furacão. No último dia do ano, já amantes furiosos, vão esperar no aeroporto June Edith Smith, a rigorosamente infiel mulher de Miller, que voltava de Nova York. June lhe causa uma impressão até então desconhecida, perturbação que não lhe impede ir a fundo nos jogos de prazer e servidão que se anunciam. Eles foram narrados por inteiro em um dos capítulos publicados postumamente de seus *Diários* com o título de "Henry e June" e que serviu de base ao filme que Philip Kaufman dirigiu em 1990 para materializar a antiga admiração por Anaís, que conhecera em 1962 quando estudante na Universidade de Chicago.

Anaís e Miller separam-se oficialmente em março de 1932, mas continuam amigos e a trocar cartas até a morte dela, em Los Angeles, no dia 16 de janeiro de 1977. Miller renovou prova de respeito intelectual ao pedir-lhe para prefaciá-la a primeira edição de *Trópico de Câncer* (1934), quando já havia se separado de June. Diafanamente letal, June parte para novas aventuras enquanto Anaís cuida das feridas da alma com René Allendy e Otto Rank, de quem se tornaria uma espécie de assistente. Rank a ajuda a ultrapassar os limites éticos da psicanálise freudiana e ela retribui, ajudando-o a entender o processo inconsciente da criação artística. Sua influência é patente em *A Arte e o Artista*, em que Rank esgota o assunto de maneira magistral.

Incentivado por Anaís, Hugh (que ela sempre tentou preservar das suas ligações perigosas) começa a dirigir, com o pseudônimo de Ian Hugo, filmes de vanguarda de sucesso restrito a grupos de amigos. Durante a Segunda Guerra os dois mudam-se para os Estados Unidos, onde a carreira literária de Anaís deslancha: ganha elogios de Edmund Wilson e da crítica em geral, que admira tanto a elegância com que escreve em inglês como a riqueza de seu imaginário com fronteiras liricamente borradas entre a realidade e o sonho. Wilson estava certo, pois se existe uma chave para se entender a ficção da autora, ela está na importância e na "participação" que os sonhos tiveram em sua criação literária. Isso porque suas imagens prediletas eram as que vinham de sonhos mas também as que não estavam sob o jogo da razão, devaneio bem próximo da escrita automática dos surrealistas. Mas o que fez de Anaís uma grande escritora foi a submissão da desordem deste mundo, construído entre sonho e vigília, ao império das leis básicas da literatura, que transcendem o mero desfile de imagens e impõem aquele tipo especial de harmonia que podemos definir como prazer estético.

Nos Estados Unidos, Anaís teve discreta participação nos movimentos feministas sérios – os que se mantinham longe das passeatas e próximos de questões mais complexas que a da pura e simples rejeição da mulher num mundo machista. O que ela defende é a libertação da mulher de suas próprias amarras, fantasias e condicionamentos sociais e religiosos. Que nada tinham a ver com o papel de algoz pretensamente exercido pelo homem, mas com a necessidade de redescobrir o que ela chama de seu "mundo humano": uma contaminação com o inconsciente, a partir da qual a mulher se descobriria em toda plenitude e não apenas como "opositora" do homem. É desta descoberta que nos fala, fundamentalmente, sua literatura.

A OBRA DE NIN



No início da década de 40 Anaïs Nin foi obrigada a escrever unicamente para sobreviver. O leitor monoglota brasileiro, que só conhece escritos daquela época – como *Delta de Vênus*, *Pequenos Pássaros* etc. – tem certamente uma visão distorcida da arte da autora, porque ela carregou no erótico para atender à imposição dos editores. O curioso é que teria escrito essas histórias a pedido de Henry Miller, com o argumento de que um misterioso colecionador de livros as encomendara. Se ele existia ou se foi uma brincadeira de Miller, Anaïs nunca soube, mas o dinheiro prometido lhe chegava pontualmente.

Tormentos psicológicos e relacionamento ansioso e carregado de intensa simbologia com o pai são as constantes em seus dois primeiros livros, *House of Incest* (1936) e *Winter of Artifice* (1939). A maturidade de sua produção começa em 1946 com *Ladder to Fire*, o primeiro dos cinco títulos que formam a série “Cidades do Interior”. Os outros quatro são: *Children of Albatross* (47), *The Four-Chambered Heart* (50), *A Spy in the House of Love* (54), *Seduction of the Minotaur* (61). Esse romance contínuo gira em torno da mulher à procura de si mesma, sem nenhum traço de comisseração, pieguice ou desamparo. Tais características, Edmund Wilson já ressaltava quando resenhou *Under a Glass of Bell* (44) para a revista *New Yorker*. Mas o que mais chamou a atenção do crítico para os contos que compõem o livro é que, apesar de sua concepção surrealista

e onírica, Anaïs conseguiu evitar os exageros comuns a este tipo de literatura.

Das incursões de Anaïs pela crítica literária resultaram dois bons livros de ensaios, *Realism and Reality* (46) e *The Novel of the Future* (68). Neste último dedica dois capítulos à defesa da importância literária de seus *Diários*, certamente para se defender dos que os acusavam de serem meros

relatos de experiências pessoais e, como tal, carentes de interesse maior. O primeiro volume dos *Diários* apareceu em 1966 e o último em 1978. Ficaram de fora várias partes que só começaram a vir à luz, por determinação de Anaïs, após sua morte, de Miller e do marido, em forma de relatos independentes. Um deles é “Henry e June”, publicado em 1988, três anos depois da morte de Hugh, o último sobrevivente do trio.

Para “explicar” seus *Diários*, Anaïs gostava de opor o mundo interior de sua ficção ao mundo exterior de suas anotações, advertindo ser muito perigoso intercambiá-los, pois isso acarretaria distorções inaceitáveis na descrição que fizera das pessoas. Acusada de ter invadido a privacidade dessas pessoas, afirma jamais ter escrito uma linha sem a colaboração e a aceitação delas, e que para escolhê-las era fundamental existir uma alquimia, sem a qual os retratos seriam apenas frios relatos jornalísticos, desrespeito à vida pessoal dos biografados. Anaïs nem imaginava o que se viria a fazer no gênero com as “biografias não autorizadas”. (J.C.I.)

DAVID T. KYLE

A LIDERANÇA DOS MAIS VELHOS

Tabus culturais sobre o envelhecimento nos privam dos recursos humanos de que mais necessitamos. Se nossos velhos não forem líderes, quem nos ensinará os mitos de nossa cultura, os rituais e as etapas para sermos autenticamente humanos?



Detalhe de *A Criação de Eva*, Michelangelo

Homens e mulheres mais velhos estão aptos a equilibrar as tensões permanentes geradas pela interação dos seres humanos com as condições ambientais e com o mundo espiritual. Os anciãos são mais lentos em sua ação, mais precavidos em suas decisões e, sobretudo, mais propensos a adotar atitudes pouco imediatistas ante qualquer problema. Submetidos a menos pressões, sem tantos prazos a cumprir, podem moderar a ferosidade, a impetuosidade, a aceleração da juventude. Mas uma verdadeira "pessoa de idade" não sufoca ou oprime nem a energia nem o dinamismo dos jovens: sua tarefa consiste em alentá-los, em canalizar e focalizar sua ação para fins sociais criativos e construtivos.

Em todo povo existe uma relação direta entre a atitude de seus jovens e a de seus anciãos. Se estes cumprem bem seu papel, aqueles aprendem a moderar seu fogo juvenil e a contribuir para o bem-estar da comunidade quando se tornam adultos. Os anciãos os guiarão, na idade madura, para que consigam harmonizar seus êxitos econômicos, artísticos e espirituais com a participação na condução política de seu povo.

Nas comunidades tradicionais, o homem ou a mulher de idade eram pessoas dotadas de autoridade e dignidade, transmissoras dos valores, tradições e sabedoria de vida de seu povo.

Neste último século, a liderança dos mais velhos foi se esfumando até quase desaparecer na cultura ocidental. Em vez de serem considerados figuras dotadas de dignidade e autoridade, freqüentemente são separados de seus familiares, alojados em asilos ou casas geriátricas. Em vez de poderem guiar, instruir e encaminhar os jovens no papel de mentores, assistem passivamente nas telenovelas da moda, sem nenhuma participação, aos problemas angustiantes que assolam a juventude.

Um século atrás não existia aposentadoria e os anciãos tinham a missão de encaminhar os jovens, de compartilhar com eles suas idéias e sabedoria, enquanto se preparavam para cruzar os portais da morte.

Embora a sociedade admitisse que se encontravam em uma etapa particular da vida, lhes reservava uma missão bem clara. Nossa idéia atual da aposentadoria está associada com a saída de um emprego vivido durante muito tempo como uma prisão. Aposentar-se é quebrar o isolamento, a alienação e a fragmentação de uma vida dividida em dois compartimentos muito separados entre si: de um lado o trabalho, de outro o que chamamos "a verdadeira vida" – a família, as afeições, o ócio e o lazer. A aposentadoria implica que podemos recobrar a vida. A dificuldade reside em que, na época em que nos aposentamos, já estamos tão condicionados por nossa atividade profissional e pelo consumismo hipnótico, que não sabemos como efetivar esse direito. Então substituímos o tempo que dedicávamos ao trabalho, ou por um consumismo maior, ou por atividades de lazer que não nos satisfazem. Não sabemos crescer e mudar para assumir a nova tarefa que, como pessoas maduras e responsáveis, nos caberia na comunidade.

Dentro da fragmentação que ocorre entre as obrigações do trabalho e a realização pessoal, perdemos o rumo individual e o coletivo. Nossa educação formal não nos ensina como são as diferentes etapas da vida e que ritos de iniciação os seres humanos necessitam realizar – nossos próprios pais e avós já estavam por demais afastados deste saber para que pudessem transmiti-lo. Sem ele, a sociedade não nos oferece uma visão ou contexto mais amplos para prosseguirmos nosso desenvolvimento. Ficamos desamparados, carentes do manual de instruções que nos mostre a relação entre o começo da vida e seu final.

Ao perder esse vínculo sagrado e significativo com a vida, a morte se torna aterradora, porque também perdemos o sentido que ela tem como etapa do desenvolvimento. E assim, já não nos interessam os rituais vinculados àqueles que estão às portas da morte. A única opção que temos a oferecer-lhes é mantê-los com vida a todo custo, recorrendo à ciência médica, freqüentemente contra o verdadeiro desejo da pessoa e de seus parentes.

GUARDIÃES DOS MISTÉRIOS E DA LEI – Já que nos ensinaram a temer o envelhecimento e a morte, temos criado uma fachada cultural para fingir que não envelhecemos: a fachada da eterna juventude. A beleza é definida de acordo com critérios próprios de uma certa idade, de certo aspecto físico e de certo estilo de vida. A fim de preservar a juventude geramos novas necessidades: tingimos o cabelo, esticamos as rugas, eliminamos as dobras da barriga. Desvinculados do sagrado e ignorantes do propósito que a ancianidade cumpre, nossos velhos preferem imitar os estímulos que os meios de comunicação lhes brindam, as pautas juvenis: fazem dieta, aeróbica, usam os acessórios próprios da moda jovem, participam de encontros de fim de semana para manter-se “em forma”. Eles, que deveriam ser nossos condutores, não estão dispostos a aceitar com naturalidade a etapa que lhes compete viver e aplicam todas as energias em parecer mais jovens. Nossos tabus culturais sobre o envelhecimento estão nos privando dos recursos humanos de que necessitamos mais urgentemente.

O jovem costuma buscar a novidade e pôr em xeque a tradição e os valores do presente; frente a esse desafio natural, a sociedade precisa colocar limites para que a essência viva dessas tradições e valores não se perca. O trabalho e o jogo levam os jovens a desenraizar-se; os líderes anciãos podem oferecer-lhes o contexto, o campo experimental, a perspectiva e as fronteiras que permitam manter sua saúde, seu bom senso e equilíbrio, assim como os de toda a cultura.

Em seu clássico ensaio sobre as etapas da vida, Jung se perguntava: “Poderá a cultura dar sentido e finalidade à segunda metade da vida?”, e observava que, entre os povos tribais, os anciãos sempre foram os guardiães dos mistérios e da lei. “O que acontece conosco?” prosseguia, “Onde estão a sabedoria de nossos velhos, seus preciosos segredos, suas visões? A maioria deles se empenha em competir com os jovens.” A única proposta é que continuem expandindo o que alcançaram na primeira metade da vida: fazer dinheiro, atingir uma posição social melhor, ampliar seu prestígio. “Porém, o entardecer de uma

vida tem uma significação própria e não pode ser meramente o apêndice lastimoso da manhã.” A razão de termos tão poucos anciãos sábios, continuava Jung, é que “carecemos de escolas para as pessoas de mais de 40 anos. No passado, nossas religiões sempre foram essas escolas; quantos, no entanto, continuam a considerá-las assim na atualidade?”

Muitas culturas antigas proporcionavam ao homem e à mulher uma segunda iniciação ao redor dos 50 anos. Mesmo hoje, alguns povos indígenas têm diversos rituais de iniciação para vários momentos da vida. Entre os dagara da África Ocidental, tanto os meninos como as meninas são iniciados na vida adulta entre os 13 e os 17 anos, quando são colocados diretamente em contato com a sacralidade do mundo extraterreno dos antepassados e com uma realidade espiritual mais vasta. Deste modo, os ritos que praticam nesse momento lhes infundem um respeito mais profundo e um melhor conhecimento da cosmologia da tribo. O jovem se torna responsável ante si mesmo e ante o mundo circundante. E ser responsável é *recordar*. Dentro de cada um de nós há mais de 40 mil anos de memória acumulada sobre a maneira de viver em relação com a natureza, com a realidade espiritual e com nossos semelhantes. Todo processo de iniciação consiste em rememorar e reativar estas lembranças. E para isto necessitamos dos anciãos que já recordaram antes de nós, que já foram instruídos nas técnicas do outro mundo para iniciar os jovens na sacralidade deste.

Entre os dagara, a iniciação de homens e mulheres ao redor dos 50 anos destina-se a permitir-lhes entender a comunicação direta do mundo dos espíritos com o mundo físico, brindando-lhes com o conhecimento e o poder da *linguagem primeva*, uma linguagem do mundo espiritual capaz de gerar acontecimentos inesperados no mundo físico. Um elemento básico dessa linguagem é aprender a manter a harmonia entre o mundo natural e o invisível e a afastar, mediante certos rituais e cerimônias, enfermidades físicas e emocionais. Homens e mulheres iniciados

desta maneira não abandonam suas ocupações cotidianas nem suas responsabilidades; eles aprendem a colaborar, com tarefas curativas e de sobrevivência quando a aldeia atravessa situações difíceis. Passam a maior parte do tempo conversando entre si, realizando atividades artesanais ou rituais, cantando e brincando. Sua obrigação mais sagrada é conservarem, todos juntos, o sentido da responsabilidade para com seu povo.

A VOLTA AO PODER DOS ANTIGOS – Mircea Eliade, o grande mitólogo, pensava que mito, ritual e poder são elementos relacionados entre si. Todas as culturas antigas souberam, durante milênios, que o poder procede da interação entre o visível e o invisível. O poder advém de fora do mundo material, e para compreendê-lo é necessário o mito, ou seja, o relato que cada cultura cria sobre o nexo entre o espiritual e o mundo físico. O mito fixa os limites, as condições do poder e a maneira de abordá-lo. O ritual é a técnica destinada a determinar de que maneira se pode empregar-lo: é ela que estabelece o canal através do qual pode ser utilizado sem perigo.

Redescobrir o nexo entre o mito, o ritual e o poder em nossa cultura pode ser um dos caminhos que nos leve de volta a nossas velhas raízes. Precisamos recordar os mitos capazes de canalizar, neste nosso presente, o poder de nossa vida. E nesse sentido, os anciãos têm um papel importante a cumprir.

As pessoas da cultura ocidental com mais de 50 ou 55 anos têm carecido dessa iniciação que poderia fornecer o código e os mapas para nos movimentarmos entre o mundo físico e o outro mundo, o espiritual. Ainda que alguns de nós tenham tido experiências individuais desse outro mundo, não compartilhamos uma experiência ou linguagem comum que nos habilite a trabalhar em conjunto para canalizar, em direção ao mundo físico, o poder do mundo imaterial. Somos eficazes no diagnóstico dos problemas, mas não no aproveitamento das energias que possam vir de uma esfera além de nossos olhos.

Fica o convite para recuperarmos a liderança dos mais velhos nesta cultura dominada pelos jovens. Se pretendemos superar a crise que estamos vivendo, essa liderança deve receber ao mesmo tempo antigas e novas formas. Temos de aprender, individual e coletivamente, a voltar ao passado de nossos antecessores e descobrir as imagens do poder antigo; temos de compreender novamente o valor e a importância dos mitos de nossa cultura, e de que maneira eles fixam os limites a nossas escolhas no mundo. Temos de conhecer o uso de rituais capazes de criar um canal seguro para o poder curativo.

Devemos buscar com grande intensidade, em pequenos e grandes grupos, esta nova direção comunitária. Sem anciãos saudáveis e experientes que nos ajudem a construir novas imagens para servir de eixo a nossa comunidade mundial, continuaremos a viver dentro da estreita definição econômica da realidade que exclui ou minimiza a importância do mundo espiritual. Se não surgirem novas formas de liderança dos “mais velhos”, não teremos quem nos ensine os rituais e as etapas da vida, ninguém que saiba instruir-nos sobre como ser autenticamente humanos, nada que nos ponha em contato com o mundo natural e nos equilibre nele; nada que nos mostre o guia interior capaz de nos levar a redefinir e plasmar um novo mundo. Sem este tipo de liderança anciã, nossas famílias e comunidades seguirão à deriva, afastando-se do saber profundo e das alegrias mais íntimas da vida.

Porém nossa iniciação como pessoas mais velhas não será simples. Temos relegado os velhos ao papel de peças inservíveis, e a maioria deles não aprendeu a abrir a torneira interna de seu manancial de sabedoria em contato permanente com o mundo natural. Um dos primeiros passos para nos tornarmos dignos do papel de anciãos condutores será aprender a guardar silêncio e escutar a natureza. Abrandiar o ritmo, serenar e escutar: são essas as primeiras etapas da iniciação para transformar-se em um guia de terceira idade, em uma verdadeira “pessoa maior”. ▲

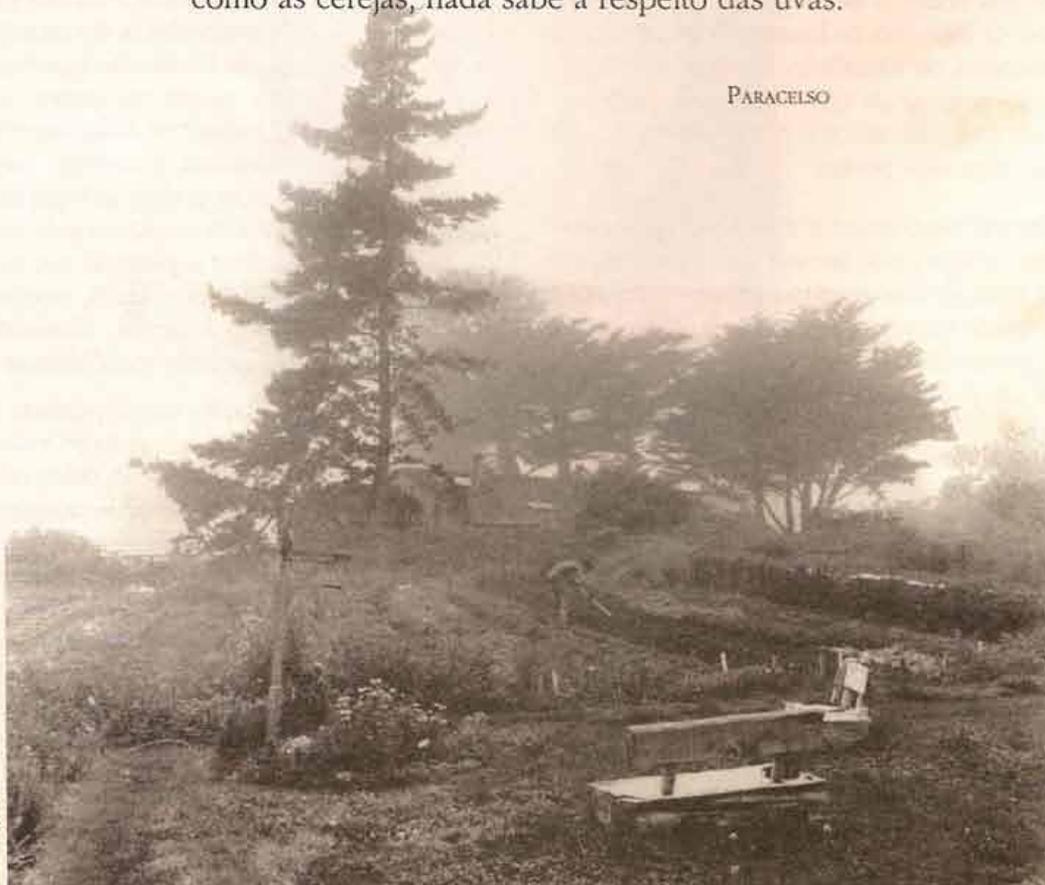
Publicado na Revista *Uno Mismo*, nº 132, Editorial Agedit, Buenos Aires, junho de 1994.

EPIFANIAS

Amor e conhecimento

Quem nada conhece, nada ama.
Quem nada pode fazer, nada compreende.
Quem nada compreende, nada vale.
Mas quem compreende também ama, observa, vê.
Quanto mais conhecimento houver acerca de uma coisa,
tanto maior o amor... Aquele que imagina
que todos os frutos amadurecem ao mesmo tempo,
como as cerejas, nada sabe a respeito das uvas.

PARACELSO



THOT é uma publicação que não se limita a acompanhar as mudanças de idéias e fatos. **THOT** intervém nas mudanças, levando ao leitor as novas visões de mundo que surgem nas áreas da filosofia, das ciências, das artes, da mitologia e das tradições.

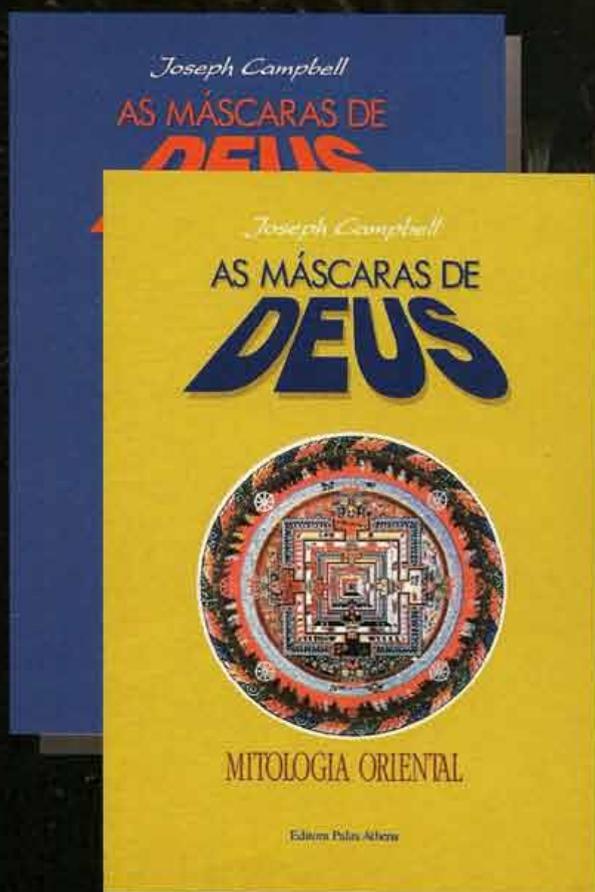
É nosso propósito refletir sobre a realidade interna e externa e compartilhar essa reflexão com nosso leitor: é ele o porta-voz dos novos rumos e aspirações que configuram o perfil de uma comunidade humana mais livre, responsável, compassiva e aberta. Assim é **THOT**.

Participe conosco dessa aventura no mundo das idéias e dos fatos.

**A Editora Palas Athena
apresenta**

AS MÁSCARAS DE DEUS *Joseph Campbell*

Volumen I - MITOLOGIA PRIMITIVA
Volumen II - MITOLOGIA ORIENTAL



As Máscaras de Deus é uma obra em quatro volumes que retrata amplamente a instigante visão campbeliana das mitologias do mundo. Adepto da teoria difusionista, em As Máscaras de Deus Campbell se interessa por deslocamentos de povos em busca de espaços mais propícios. Desses movimentos geográficos e históricos, de que resultam superposições e sincretismos de crenças e mitos, extrai a confirmação da unicidade da raça humana, não só em termos biológicos, mas também espirituais. O primeiro volume, Mitologia Primitiva, refere-se aos povos caçadores e coletores. O segundo, Mitologia Oriental, lançado recentemente, aborda as mitologias que se desenvolveram sobretudo no Egito, Índia, China, Tibete e Japão. A ser lançados, o terceiro volume compara temas de arte, rito e literatura ocidentais; o quarto aborda a mitologia criativa – a esfera filosófica, espiritual e artística da cultura moderna: o homem como criador de sua própria mitologia.

Mitologia Primitiva - 418 páginas
Mitologia Oriental - 448 páginas